



ARTE URBANA

EXPRESSÕES GRÁFICAS
MURALISMO

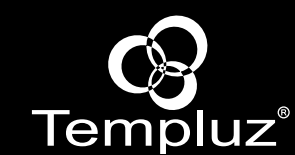
ARTE URBANA

**EXPRESSÕES GRÁFICAS
MURALISMO**

ARTE URBANA

EXPRESSÕES GRÁFICAS
MURALISMO

Patrocínio



Realização

Ministério da
Cultura



ARTE URBANA

EXPRESSÕES GRÁFICAS MURALISMO

Autor: Camilo Belchior

Coordenação Editorial: Pâmilla Vilas Boas

Coordenação Gráfica: Cláudio Valentin

Revisão Ortográfica: Stéphanie Bollmann

Imagens Capa:

O TEMPO | Deia Quintino

BROOKLYN BRIDGE | Maja Wronska

AUTORETRATO | Nikos Gyftakis

SRA. REPUBLIQUE | Tatiana Tameirão

Agradecemos aos artistas que participaram das edições do projeto Mural Templuz e que contribuíram de forma brilhante na construção de novas paisagens para Belo Horizonte. A beleza de suas obras, a dedicação e o carinho de toda a equipe envolvida torna esse projeto especial e emocionante. E que a arte continue a invadir os espaços, inspirar as pessoas e trazer vida para as cidades!

Agradecimento especial para:

281_Anti Nuke

Alexandre de AbreuValle

Ataide Miranda

Caio Rodrigues

Clores Dias de Andrade Lage

Cyro José

Daniel Mansur

David Walker

Deia Quintino

Denis Keiti Martines

Eduardo Fonseca

FinDac

Hua Tunan

Narowé

Leonardo Mathias

Lígia Fascioni

Maahy

Madu Dorela

Maja Wronska

Manuela Cabral Camisasca

Minjae Lee

Nancy Mora

Nati Loureiro

Nikos Gyftakis

Patrick Vale

Paulo Laborne

Piyatat Hemmatat

Rafael Martins

Renata Rubim

Rodrigo Magno Vieira

Sillas Maciel

Sonia Burgareli

Tatiana Tameirão

Thais Conde

Vanessa Amaral

Vinícius Matos

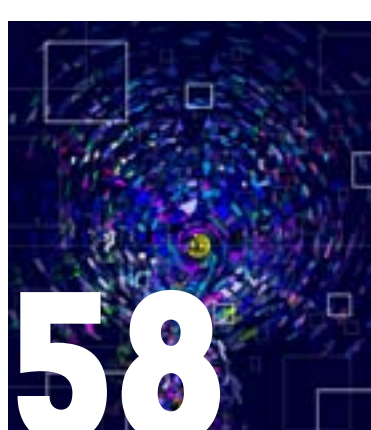
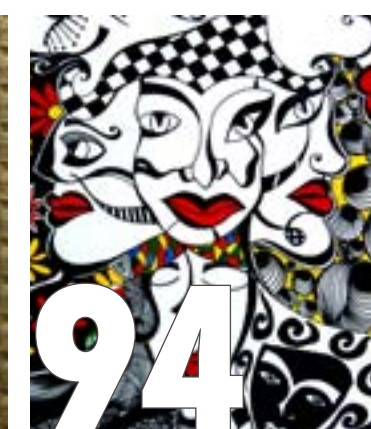
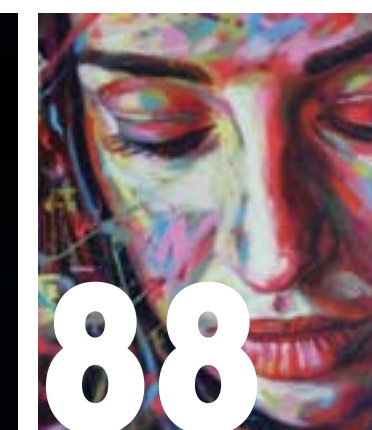
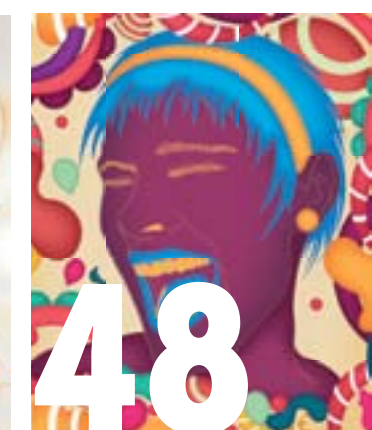
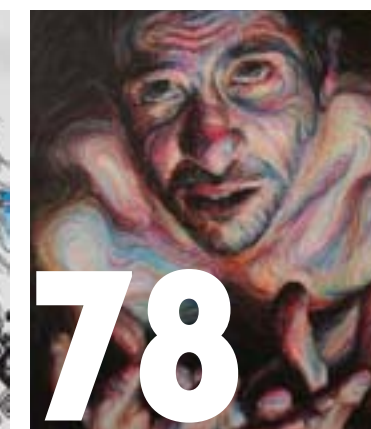
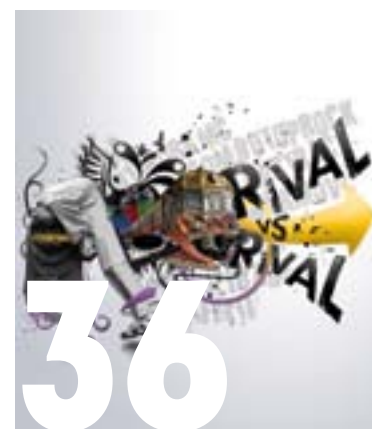
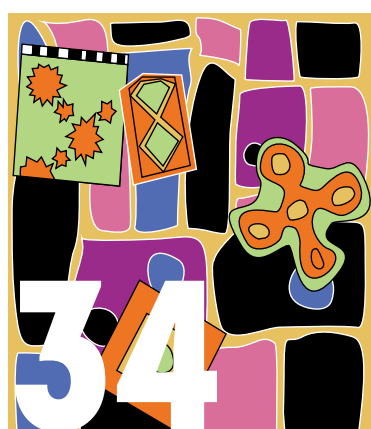
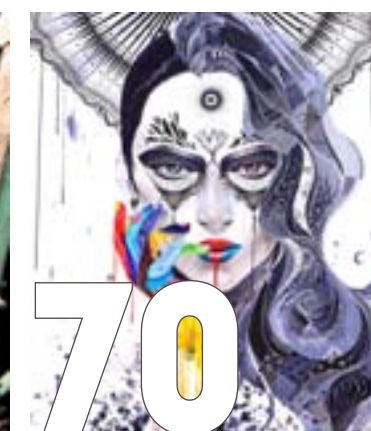
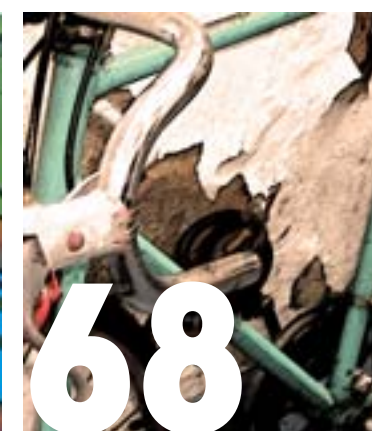
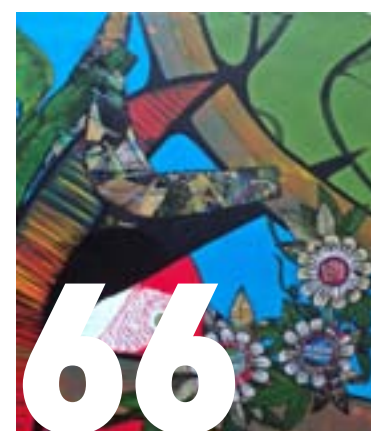
Wagner Bottaro

ÍNDICE

Prefácio
Projeto Mural
Diálogos Públicos
Expressividade Criativa
Considerações finais

PÁGINA:
8
12
24
106
119

EXPOSIÇÕES:
Obras exibidas
nas edições 2011, 2012
2013 e 2014.



PRE FÁCIO

Caro leitor,

Em setembro de 2013 fui nomeado pelo The Guardian/Observer e pelo Courvoisier como uma das 500 influências culturais do mundo. Nessa época, os artistas que eu represento haviam estampado a capa da Art Business News, sido chamados de “os artistas de rua japoneses” mais famosos do mundo pela South China Morning Post, haviam sido entrevistados pela Reuters, RT, Channel 24 e Vice e aparecido em centenas de outras mídias: impressas, online ou broadcast. Foi um bom ano, mas trabalhar com o projeto Mural Templuz e com Camilo Belchior foi uma das melhores partes.

Eu dirijo uma empresa de gerenciamento (Roth Management - www.roth-mgmt.com) que representa vários artistas, sou membro fundador do Festival de Filme Catalina e sou Diretor Global da Marques e Jordy (escritório de arquitetura em Londres, Pequim e Bangkok). Estou envolvido em vários projetos de tecnologia e viagens e o fundamental de tudo isso é trabalhar com projetos culturalmente influentes e capazes de mudar o mundo.

Algum tempo atrás, recebi um e-mail. Como muitos e-mails que recebo, esse era de alguém pedindo que um artista que eu represento fizesse algum trabalho de graça. Eu estava prestes a rejeitá-lo, mas havia alguma coisa intrigante no modo como essa pessoa escreveu. A pessoa em questão era Camilo Belchior, um homem que eu viria a respeitar e, mais tarde, chamar de amigo.

O conceito de um mural de arte de múltiplas histórias me interessou; como isso afetaria o público? Será que alguém iria reparar? Será que alguém se ofenderia? Que tipo de efeitos isso teria para o artista que estivesse exibindo?

Por viver em diferentes países, estudando a relação entre a cultura na arte e a arte na cultura, esse projeto me chamou a atenção. E depois de nossa primeira colaboração, com o mural de Minjae Lee, na qual eu pude ver um grande efeito nas mídias sociais, acrescentando dezenas de milhares de fãs à mídia social do artista, fui convencido que esse era um projeto que beneficiaria não apenas os artistas, mas também a população local.

Camilo então me perguntou se eu

gostaria de fazer a co-curadoria do mural, o que eu aceitei com muita honra, trazendo artistas como 281_Anti Nuke (A revista The New Yorker o chama de “The Japanese Banksy”), Maahy (das ilhas Maldivas) e outros, mas com a condição de não termos mais do que um artista de cada país, expondo assim a arte de diferentes culturas para a população local.

Acredito que esse projeto é a prova da necessidade/desejo de que a arte desempenhe um papel maior em nossas cidades.

Não sei quanto a você, mas edifícios de concreto nunca me inspiraram. Eles nunca fizeram com que eu me sentisse da mesma forma que uma obra de arte ou uma floresta ou outros me fazem sentir.

A arte nas paredes é algo que pode ajudar a melhorar o nosso humor e trazer um pouco mais de alegria para nossas vidas. E é esse efeito sobre a experiência humana que me fascina e me impulsiona.

Em agosto de 2014 fui convidado a me tornar o Diretor Global da Marques e Jordy, além de gerir a minha própria empresa. Esse desenvolvimento natural do meu envolvimento com a arte representou um passo mais adiante em misturar arte com a arquitetura e melhorar nossa vida cotidiana.

Eu acredito que as cidades são erroneamente projetadas, com a arte sendo pensada tardiamente. Na verdade, as cidades deveriam ser construídas ao redor da arte, que estaria no centro. As cidades normalmente são construídas por causa do crescimento da população e a arte vem apenas num estágio muito posterior.

Com projetos como o Mural Templuz e nosso envolvimento e apoio, seremos capazes de provocar a possibilidade de melhores condições de vida da comunidade local. Poderia ser uma arte nos muros, num jardim suspenso, no telhado, videiras penduradas em arranha-céus ou esculturas nas ruas e muito mais.

Existir não é suficiente. Devemos nos esforçar para melhorar a qualidade de nossas vidas, do ambiente e da bondade entre todos. Ao longo do caminho, a arte ajuda.

Ryan Roth

Tóquio / setembro 2014

PRO JETO MU RAL

Fotografias, aquarelas, desenhos, ilustrações, escultura. Esta coletânea traz à tona a riqueza estética dos artistas mineiros, brasileiros e de outras partes do mundo. Mais do que isso, a “Coletânea Projeto Mural” fala de diferentes trajetórias, sentimentos e fontes de inspiração criativa. Reunimos aqui a obra de 37 artistas que fizeram e fazem parte das, até agora, quatro edições do projeto Mural Templuz.

Inaugurada em 2006, a empresa Templuz, pertencente ao grupo Loja Elétrica, maior grupo do segmento de material elétrico e telecomunicações no Brasil, dedica-se à integração de tecnologias disponíveis para o conforto e bem-estar das pessoas. O primeiro andar oferece iluminação decorativa, o segundo, iluminação técnica. No terceiro encontramos a integração de tecnologias e automação. E, finalmente, o quarto andar conta com um auditório e espaço cultural para realização de eventos dedicados à gestão do conhecimento.

Com uma proposta inovadora, o projeto Mural Templuz transforma um paredão de 5,30m de largura por 6,5m de altura em local de exposições a céu aberto. São apresentadas 12 obras de arte contemporânea por ano, com tema livre, sendo que cada uma fica exposta por 30 dias. A obra é instalada com equipamento apropriado de iluminação para a valorização da arte durante a noite.

O objetivo é dar visibilidade ao trabalho de profissionais das artes plásticas, designers, fotógrafos e profissionais das artes visuais bidimensionais com a exposição gratuita de

seus trabalhos. As obras são fixadas por meio de plotagem no grande paredão frontal do prédio da Templuz, voltado para a movimentada Avenida Nossa Senhora do Carmo, em Belo Horizonte. Um número expressivo de 81 mil pessoas passa todos os dias pelo local e tem a oportunidade de apreciar os trabalhos expostos. O Projeto Mural Templuz, em parceria com a Hipergraphic Digital, tem por objetivo contribuir para a disseminação das expressões gráficas bidimensionais em Minas Gerais. O diretor da Hipergraphic Digital, Paulo Henrique Sampaio, explica que essa parceria surgiu a partir da reunião de um grupo de negócios. "Nesse encontro, a Templuz me convidou para uma parceria no projeto. O mais importante, para mim, é poder divulgar novos artistas e novos trabalhos. É a parte cultural da empresa", afirma.

Como o projeto Mural chega a sua quarta edição este ano, a ideia foi produzir uma coletânea como forma de consolidar o ideal de difundir as artes plásticas e a arte contemporânea no país. Acreditamos que a publicação desta coletânea, bem como sua distribuição para as galerias de arte, é uma forma de difundir o trabalho dos artistas, estimular o intercâmbio com artistas de outros países e propiciar que novas exposições sejam feitas e que novos projetos se consolidem.

Durante a realização do Mural foi difundida uma diversidade estética de artistas inovadores que, muitas vezes, não estão inseridos no contexto das artes plásticas do país. Torna-se preciso, portanto, estimular que esses trabalhos sejam conhecidos e façam parte desse circuito. Acreditamos que esta coletânea possa se tornar uma ferramenta de difusão da arte urbana no país.

Expor a obra desses artistas em um grande Mural significa democratizar a arte, trazer trabalhos incríveis à tona, dar novos significados e, por que não, promover novas possibilidades para o diálogo público. Colocar num painel gigante, dar o tamanho e a magnitude que essas obras necessitam, é mais do que difundi-las para a apreciação livre, sem barreiras, significa também possibilitar novas formas de leitura, interação e comunicação com a arte. É da natureza humana a necessidade de expressão. Se nos primórdios da arte havia uma necessidade de trazer a criatividade ao público, hoje nos voltamos novamente para essa importante forma de apreciar, produzir e dialogar com o espaço urbano.

Na contemporaneidade o muralismo tem encontrado outras formas de expressão, como o grafismo, as plotagens gigantescas, entre outros. Mas a história do muralismo não é recente. Ele foi cultivado nas civilizações grega e romana, embora destes tenham restado poucos exemplares, entre os quais se destacam os encontrados nas ruínas de Pompéia e Herculano. A técnica também foi muito empregada na Índia, nos murais das cavernas de Ajanta, e na China da dinastia Ming.

O muralismo se difere das outras artes por estar profundamente vinculado à arquitetura, podendo explorar o caráter plano de uma parede ou criar o efeito de uma nova área de espaço. Trata-se de uma pintura executada diretamente na parede ou em painéis instalados.

Grandes mestres da pintura mural nos impressionam até hoje, muitos impulsionados pelos trabalhos de Giotto. No Renascimento foram criadas algumas das obras-primas do muralismo, como os afrescos da capela Sistina, por Mi-



Processo de fixação das obras no grande paredão frontal da Templuz.
Foto: divulgação

PROJETO MURAL

chelangelo, e a “Última ceia”, de Leonardo da Vinci. Após o Renascimento, com o interesse progressivo por tapeçarias e vitrais para uso na decoração de interiores, a pintura mural entrou em decadência no Ocidente.

No século XX, a pintura mural ressurgiu, com todo vigor, em três fases principais: um gênero mais expressionista e abstrato que surgiu a partir de grupos cubistas e fauvistas, em Paris, e se manifestou nos trabalhos de Picasso, Matisse, Léger, Miró e Chagall; outro que se manifestou a partir do movimento revolucionário mexicano; e um movimento mural de curta duração, na década de 1930, nos Estados Unidos.

No México, a tradição milenar da pintura mural, também praticada por algumas culturas pré-colombianas, ressurgiu nas primeiras décadas do século XX, coincidindo com o movimento revolucionário. Os artistas da época viram no muralismo o melhor caminho para difundir suas ideias sobre uma arte nacional popular e engajada.

No Brasil, o projeto Mural Templuz agrega novos valores e possibilidades para o muralismo como forma de expressão da arte.

O projeto Mural é uma estratégia para associar a marca da Templuz a questões culturais e artísticas. O projeto valoriza ainda a fachada do prédio que, durante a noite, ficava escondida.

Essa é uma região escura e, quando a loja está apagada, o prédio some. A ideia foi aplicar um processo associativo no design estratégico para unir a marca à cultura. A proposta é valorizar a cidade e o corredor da avenida, que apesar de ser uma via importante de fluxo, conta com poucos espaços de exposição e expressão artística. Quando você instala a obra no local, você possibilita que milhares de pessoas tenham acesso a algo que provavelmente não teriam. As pessoas já estão acostumadas, elas passam pela avenida esperando para ver qual Mural estará exposto.

A doutora Rita Ribeiro, professora do Curso de Mestrado em Design da escola de Design da UEMG, que



No Renascimento foram criadas algumas das obras-primas do muralismo, como a obra “The Adoration of the Magi” do artista italiano Giotto di Bondone.



The Young Sailor II de Henri Matisse (1906)



The Village Fool de Marc Chagall (1914-1915)



Pablo Picasso



The Bicyclist/Fernand Léger (1951)



The Potato, Joan Miró (1928)



Dutch Interior (III) Joan Miró (1928)

participou da equipe de seleção das obras na primeira e segunda edição do projeto, acredita que os aspectos mais relevantes do Mural dizem respeito à possibilidade de apresentar artistas que não são do conhecimento público, de forma a abrir espaço para as pessoas terem acesso, de forma gratuita, a trabalhos que não estão inseridos no circuito das artes.

Outro aspecto importante, como explica a pesquisadora, diz respeito à complementação da paisagem urbana. Belo Horizonte conta com uma lei que limita o número de outdoors na cidade como forma de evitar a poluição visual. Para Rita, a legislação é importante e ver obras expostas nesses espaços traz um refresco para a paisagem urbana.

“É muito bom encontrar arte pela cidade e num lugar tão complicado como a Avenida Nossa Senhora do Carmo. A principal contribuição é trazer uma coisa boa para quem está passando por aquele momento de stress no trânsito”, avalia.

O fato das obras estarem num local que poderia ser usado para a veiculação de publicidade ou comunicação institucional também chama a atenção, como explica Rita. “É um prazer ver as obras no lugar da publicidade. É uma forma da empresa dizer: eu não quero vender nada, eu não quero te forçar a tomar uma atitude. O que eu quero é, no máximo, que você tenha um minuto de prazer vendo aquela obra”.

Rita explica ainda que os trabalhos da primeira e segunda edição foram selecionados por um júri formado por profissionais com diferentes atuações: jornalistas, designers, artistas, pesquisadores etc. “A seleção foi feita com base em nossa percepção da beleza, dá qualidade técnica e do espaço e foi um processo difícil porque tinha muita obra legal. A ideia foi pensar abordagens diferentes para arte que tivessem a ver com o cenário urbano e com essa

No século XX, a pintura mural ressurgiu com todo o vigor e se manifestou nos trabalhos de Picasso, Matisse, Léger, Miró, Chagal entre outros.

PROJETO MURAL

coisa meio lúdica do espaço, independentemente do suporte”, relata.

A Jornalista Nathalia Dornellas também participou do júri de seleção das obras. Ela acredita que o projeto Mural, além de democratizar a arte, proporciona entretenimento aos transeuntes da Avenida Nossa Senhora do Carmo, hoje umas das vias mais congestionadas da região centro-sul de Belo Horizonte.

“Eu transito muito por esse trecho difícil. Poder apreciar obras de arte nesse momento, para mim, é ter alguma alegria. Seria legal se outras pessoas fizessem coisas desse tipo e que tivesse um corredor com mais iniciativas desse gênero”, afirma.

Para ela, é possível ter intervenções na cidade que beneficiam o espaço urbano. “Imagina se todos os outdoors gerassem coisa parecida. Eu acho maravilhoso esse deslocamento. É a grande pegada, você está num lugar onde uma marca deveria estar colocando o institucional dela e ela opta por outra forma de destacar sua fachada, isso é muito legal”, relata.

O artista Rogério Fernandes considera a iniciativa como uma oportunidade para os artistas terem visibilidade de sua obra 24 horas por dia, durante um mês, e em ponto de fluxo intenso na cidade. “Tem vários pontos e fachadas que poderiam servir de galeria a céu aberto com exposição de trabalhos de fotografia, artes plásticas etc”.

Para o artista, a iniciativa é importante por trazer as obras para o cotidiano das pessoas, uma vez que ainda há uma grande falta de hábito para a cultura no Brasil. Para ele, não necessariamente se trata de falta de tempo para frequentar galerias ou museus. “Tem mudado bastante graças a projetos como o da Templuz e do governo, que têm tentado modificar esse quadro. Agora as pessoas começam a se interessar mais. No Brasil, como em qualquer lugar do mundo, isso leva tempo, mas temos que começar”, afirma.

A arte sempre esteve presente no dia a dia das cidades. Os afrescos de Leonardo Da Vinci, Michelangelo



Afrescos de Michelangelo Anselmi na Catedral de Parma na Itália por volta de 1492-1556.

e suas estátuas, eram criadas para o espaço público. Para Rogério, está havendo um retorno às origens da arte. “Na Grécia antiga não tinha isso de arte fechada em galeria. A arte foi feita para os espaços públicos. A gente não faz cultura em lugar fechado. Se isso acontece é dominação e segmentação de algo que foi feito para todo mundo apreciar. Agora, comprar uma obra de arte já é uma outra questão. Mas é um direito entrar em contato com ela, apreciar, vivenciar. A arte tem que ser democrática”, completa.

O galerista Leonardo Salvo, sócio proprietário da galeria Urban Arts, em Belo Horizonte, conta que muitos artistas que expuseram no projeto Mural hoje fazem parte do coletivo da Urban Arts. Para ele, essa democratização da arte impacta de forma muito positiva nas galerias e no mercado da arte como um todo. Ele cita o exemplo do artista Ataíde Miranda, que expôs na terceira edição do projeto Mural e, logo depois, expôs várias de suas obras na galeria, inclusive, a que foi exposta no Mural.

“As pessoas se familiarizavam e quando batiam o olho percebiam que já tinham visto a obra na Avenida Nossa Senhora do Carmo. Essa obra puxava a identificação do artista e a pessoa se sentia mais à vontade. Aconteceu com a artista Thais Conde também. As pessoas sempre se lembram do quadro que esteve no Mural”, relata.

Leo explica que essa relação é complementar e que o artista acaba sendo reconhecido pelo seu traço em exposições mais abertas. Ele ressalta que é essa a consciência que

falta, principalmente nas galerias mais tradicionais, que ainda são muito fechadas. Ele acredita que Belo Horizonte tem galerias de diferentes segmentos que poderiam se unir para criar um circuito de arte na capital. “Esses espaços públicos colaboram. O projeto é bacana por chamar as pessoas e trazê-las um pouso mais para a arte. Essa é a nossa missão também: desmitificar, difundir a arte. Tirar essa ideia de ‘eu não entro em galeria’”, completa.

Esse movimento já é real e existem vários artistas brasileiros fazendo sucesso internacionalmente. “É um segmento que em BH, apesar de ter vários artistas, está faltando espaços para eles se expressarem. Eu me identifiquei de cara com o Mural”, ressalta Leo.

Nossa vida hoje é ditada por um ritmo frenético que nos impele a não perceber o nosso entorno. Para o designer Gustavo Greco, que fez parte do júri de seleção das obras, o cenário urbano muitas vezes passa despercebido. “A iniciativa da Templuz procura restabelecer essa lógica, que contribui tanto para a disseminação de uma cultura visual quanto para o melhor uso do espaço destinado ao público. Um exercício de interseção entre disciplinas, convivência e fruição”, afirma.

Para a artista Lígia Fascione, a iniciativa do Mural é muito inovadora e inusitada. Ela mora na Alemanha, viaja muito e nunca viu projeto semelhante. “Aqui há muita street art, mas a ideia da Templuz, de imprimir os desenhos em lona e mudar todo mês, ainda não vi”, revela.



As obras de arte ocupam um lugar de destaque na avenida Nossa Senhora do Carmo em Belo Horizonte.
Foto: divulgação

DIÁLOGOS PÚBLICOS

“Essa imagem foi tirada num dia de chuva. Veja essa bola maior, não parece uma gota na câmera?”, afirma Guilherme, que faz parte da equipe da empresa Suporte Vertical, responsável pela instalação das obras por rapel. “Mas eu não entendo nada de arte, é só a minha imaginação”, completa. A obra “Luxpunctum”, do fotógrafo Vinícius Matos, gerou curiosidade desde o momento de sua instalação. A imagem nos encanta e retrata a importância da luz para trazer tridimensionalidade e profundidade à matéria. Como afirma o artista, “para a visão, as coisas só existem se refletem a luz”.

O azul do céu se mistura com o azul das bolas, que se mistura com a paisagem urbana dos prédios. A equipe descendo pelas cordas tem um tamanho quase irrelevante perante a dimensão da imagem instalada. Guilherme explica que o primeiro passo antes de se instalar algo por rapel é checar o espaço e as possibilidades de ancoragem. A equipe sobe pelo quarto andar, entra por uma espécie de sótão e se posiciona no telhado da Templuz. Lá eles encontram vários pontos para a instalação das cordas e a montagem segura do rapel.

O primeiro passo foi a retirada do painel anterior, a “Philomedusas” de Cyro José. A peregrina girante com olhos atentos observa a todos nós. “Que é esse bicho aí?”, questionou o transeunte que passava por lá no momento da instalação. Quem transita pela Avenida Nossa Senhora do Carmo/BH observa sem compreender muito bem o que acontece no local. Enquanto eles vão cortando as abraçadeiras, a lona vai se desfazendo e o branco volta a tomar conta do paredão.



A equipe sobe até o telhado da loja para ancorar o equipamento do rapel

Fotos:
Pâmilla Vilas Boas



A obra de “Luxpunctum” causou dúvida no momento de instalação da lona. De que lado deve ser? Onde começa e onde termina? Todos que acompanhavam a montagem fizeram suas apostas. Até que a equipe chegou com o croqui da instalação. Duas pessoas amarradas pelas cordas descem simultaneamente e num processo de costura vão fixando cada viés numa abraçadeira. Primeiro as bordas e depois os lados. Logo a lona vai tomando o paredão novamente e, como numa dança, a equipe finaliza com a plotagem toda esticada. Orgulhosos do trabalho, eles me pedem para tirar uma foto do painel montado.

Caminhando pela cidade vemos uma infinidade de coisas escritas nos muros. Mesmo quando não conseguimos compreender exatamente sobre o que se trata, percebemos que esses signos geram sentidos. As possibilidades de escritas são infinitas e com diferentes dimensões estéticas, como o grafite, inscrições, desenhos, colagens de lambe-lambe e o projeto Mural Templuz que, a partir da plotagem de grandes imagens em um imenso mural, comunica e troca sentidos com os transeuntes.

Na Roma antiga era comum o cidadão manifestar sua indignação com outro

morador marcando os muros da casa alheia com palavras inscritas com carvão ou piche. É possível encontrar nos muros da cidade de Pompéia, encoberta pelas larvas do vulcão Vesúvio, práticas de diálogos públicos. Devido à conservação provocada pelo encobrimento, existe um registro muito bem preservado das inscrições sobre os muros desta cidade, em que se viam desde anúncios de pequenos estabelecimentos e recados de amor até manifestações políticas.

A pesquisadora das escritas das ruas, Milene Migliano, explica que não é possível falar de uma história da arte urbana, mas sim de uma história do registro dessa prática de diálogos públicos na cidade. O fato é que o muro sempre foi um espaço de comunicação e expressão da humanidade.

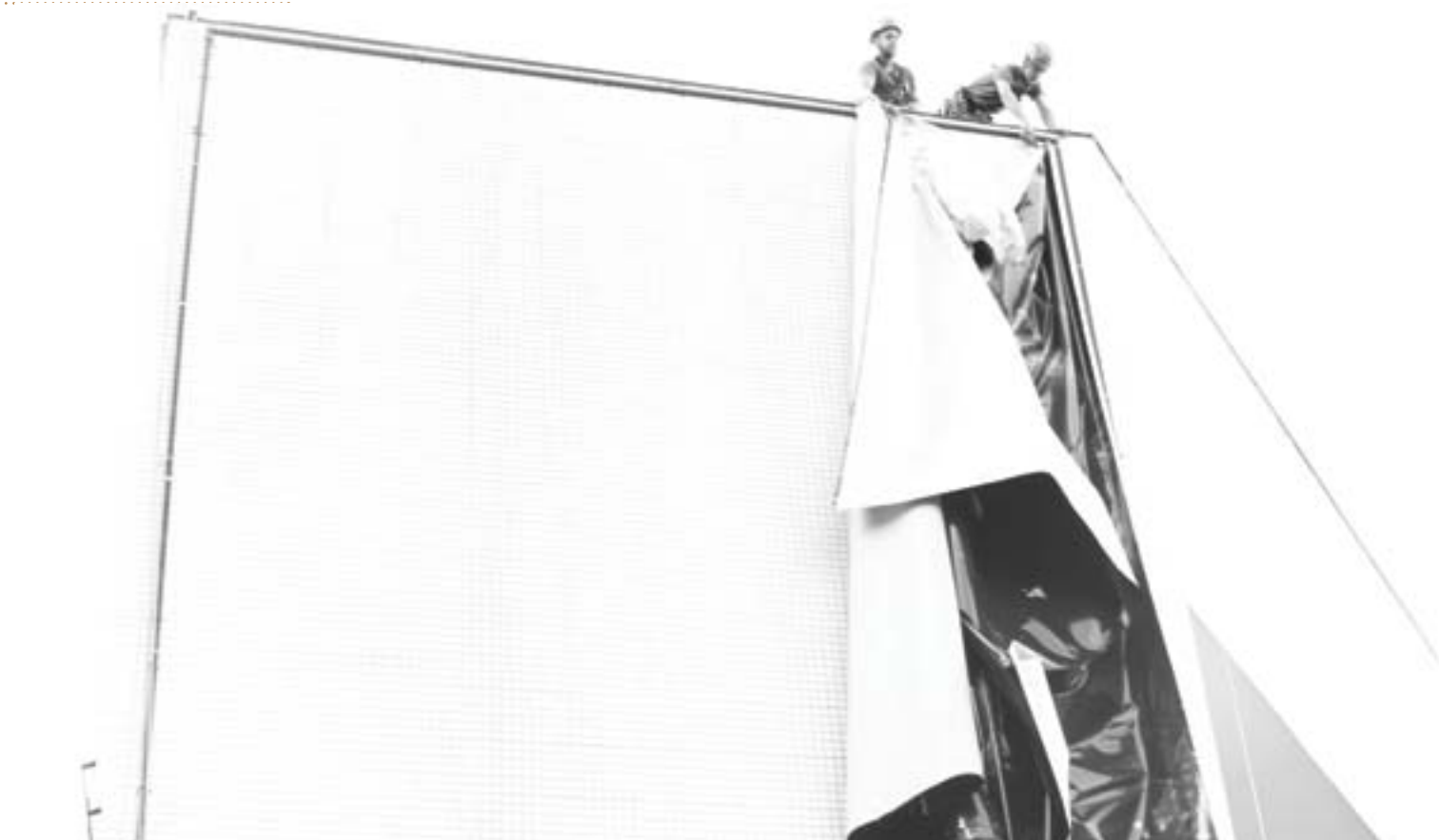
Mesmo que a Arte Urbana seja considerada uma arte contemporânea, suas raízes remontam a um passado muito distante. Hoje em dia, ela pode ser definida como uma prática feita em espaços externos da cidade, sobre o mobiliário urbano, sejam eles paredes, muros, placas e todo tipo de aparato de sinalização. Ela é transgressora já que, em certo sentido, não respeita os limites do público e do privado para se fazer expressar.

Para a pesquisadora, essas escritas demonstram o desejo dos indivíduos em participar do espaço público. “Além dessa forma espontânea que é o grafite em suas expressões, existem iniciativas do empresariado que, em alguma medida, respondem a esse compartilhamento múltiplo de sentidos. A gente percebe que tem uma produção publicitária que busca inovar, trocar informação, significados e expressões com essa galera que está produzindo. Desde a primeira vez que vi o projeto Mural Templuz, quando estava indo dar aula na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), falei: “que legal”. Tinha uma pichação do outro lado da rua. A cidade é esse lugar de múltiplas expressões”, relata.

O que significa viver em uma cidade em que você pode ler tanta coisa diferente? Para Milene, é nesse ponto que a iniciativa da Templuz pode ser colocada em discussão com a Arte Urbana. Para ela, o projeto troca sentidos com as pessoas que produzem e participam do espaço urbano. “Não

só quem produziu a obra, as pessoas que estão lendo também estão produzindo sentidos. O projeto agrega outras imagens que não estavam antes e que não são imagens de medíocre percepção, como no caso da publicidade. Quando se tem uma brecha, outra forma de produzir, como no caso da Templuz, acho que está publicizando e tornando a cidade participativa. Algo que não estava na cidade antes e que as pessoas passam a ter acesso. Você está colocando mais um elemento no imaginário pictórico e coletivo”, relata.

Milene distingue as linguagens enquanto técnica, mas, para ela, todas estão inseridas na dimensão da prática de escrita na cidade. Inclusive o projeto Mural, que também é um texto para ser lido pelas pessoas. “Temos várias maneiras de expressão visual nos muros. A primeira bienal do grafite foi em 2008 e várias outras ações também ocorreram. Vários sentidos do compartilhamento da vida social são levados pros muros”, explica Milena.



O processo de montagem do painel também chama a atenção do público. As obras são instaladas por rapel.

EXPO SIÇÕES

Edições:
2011 | 2012 | 2013 & 2014



LÍGIA FASCIONI



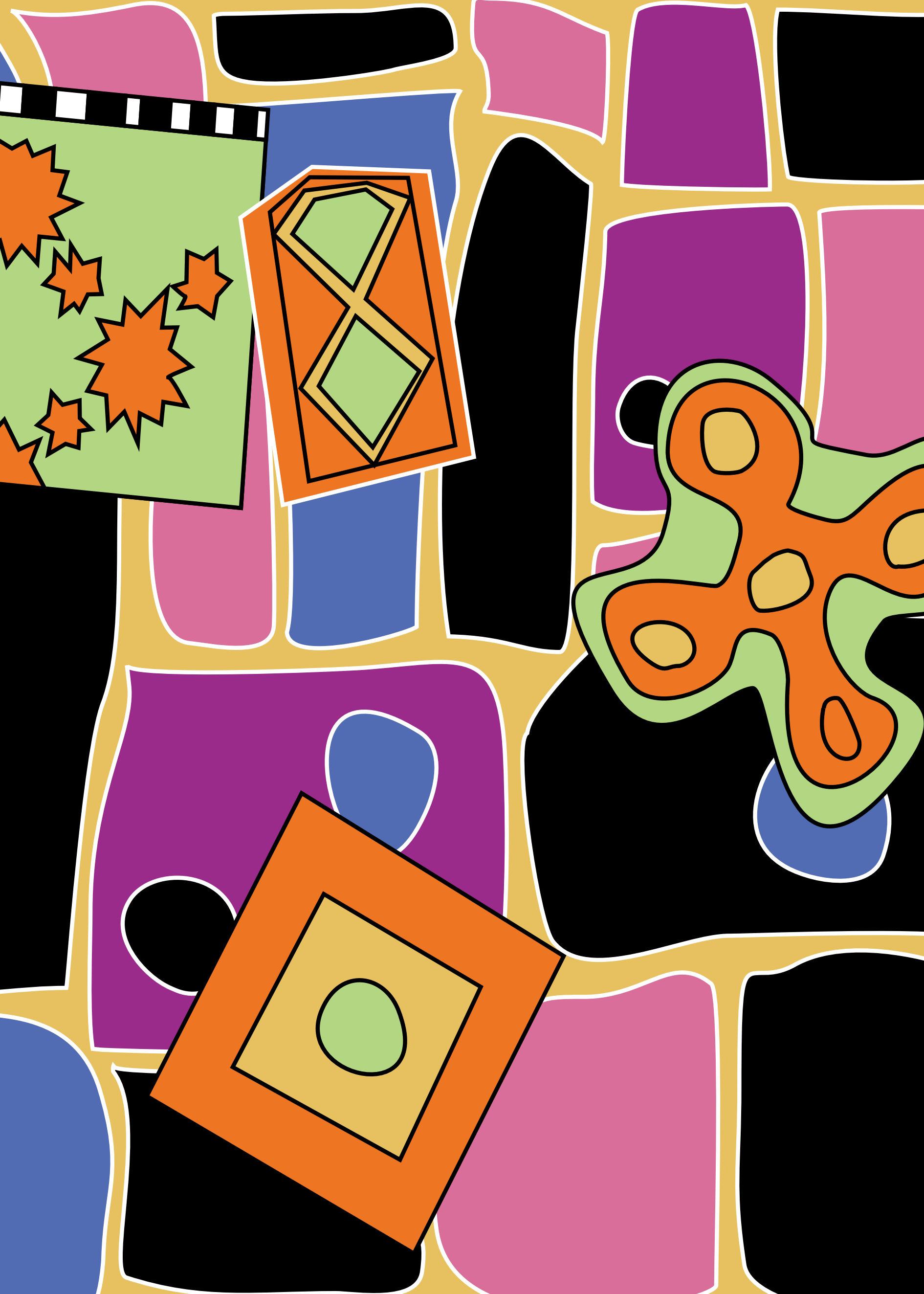
Lígia Fascioni sempre gostou de desenhar. Quando pequena desenhava nos embrulhos dos pães e, mesmo depois de adulta, já engenheira, continuou fazendo seus rabiscos. A obra "Susto 2", exposta na primeira edição do projeto Mural Templuz, chama a atenção pelo bom humor. "Quando vi o edital do concurso fiquei pensando em alguma coisa que chamasse a atenção pelo bom humor, mas que não fosse óbvia. Pesquisando algumas imagens, cheguei a essa colagem misturada com desenho", explica.

Lígia é Engenheira Eletricista, Mestre em Automação e Controle Industrial, Especialista em Marketing e Doutora em Engenharia de Produção na área de Gestão Integrada do Design. Atuou por 10 anos em empresas de base tecnológica, principalmente nas áreas de automação, robótica e aviônica, passando depois a trabalhar com marketing corporativo e consultoria. Colunista de vários portais, tem sete livros publicados e atua como palestrante nas áreas de marketing, liderança, inovação e design.

O projeto que ela considera mais bacana foi um muro de 13 metros, localizado atrás de um ponto de ônibus. Nele, ela pintou pessoas esperando na fila e usou os personagens do próprio bairro Trindade, em Florianópolis, como modelos. "Eles ficam conversando em "manezês" (o linguajar típico do "manezinho da Ilha", como são chamados os pescadores nativos). Levei três meses para concluir os 19 personagens enquanto escrevia minha tese de doutorado. Mas basicamente produzo para consumo próprio; principalmente nas paredes de casa", revela.

Para ela, o projeto Mural é uma iniciativa que devia servir de benchmark para outras empresas que possuem uma área desse tamanho e visibilidade para expor: "A empresa ganha, os artistas ganham e, principalmente, a cidade e seus moradores ganham. Nota mil para o projeto".

"Acho fundamental incentivar a expressão artística, principalmente num país tão carente de galerias e museus. Mesmo em Berlin (onde estou morando agora), riquíssima em quantidade e qualidade de espaços para exposições de arte, as paredes cegas e muros nunca são desperdiçados. Aqui há muita streetart, mas a ideia da Templuz, de imprimir os desenhos em lona e mudar todo mês, ainda não vi", completa.



RECORTES
Edição 1 / 2011

RENATA RUBIM



O processo de criação da designer Renata Rubim é projetual e não artístico. A obra “Recortes”, exposta na primeira edição do projeto Mural Templuz, foi idealizada a partir de referenciais visuais bem coloridos, já que se tratava da parede de uma loja de iluminação, explica a designer.

Para ela, todo o resultado de design é sempre em decorrência de um projeto. “Utilizo uma metodologia que aprendi nos EUA na Rhode Island School of Design e que compartilho através dos meus cursos. O método se baseia em referências visuais e mobiliza o núcleo criativo de cada pessoa”, explica.

Renata Rubim é designer de superfícies, consultora de cores e autora do livro “Desenhando a Superfície”, primeira publicação lançada no Brasil sobre o tema. Formada pela Rhode Island School of Design, Providence, USA, com bolsa Fulbright, é responsável por projetos industriais

em diferentes segmentos. Participou da Bienal Brasileira de Design e da Cowparade (Porto Alegre). Ganhou os prêmios Bornancini 2008, Idea/Brasil 2009 e três prêmios internacionais iF Product Design Award – com os revestimentos Praga e Catavento em 2012 e com o cobogó Atoll em 2014. É curadora do Prêmio Estampa Brasil, da Renner.

“Acho sempre importante participar de projetos urbanos. É uma área que me apaixona. Desde muito pequena eu pensava em chãos e paredes pintadas. Aí vieram as calçadas, paixão desde a minha infância no Rio de Janeiro. Então, paredes, “chãos” ou pisos, fazem parte do meu universo”, completa.



"RIVAL VS RIVAL"
Edição 1 / 2011

DENIS MARTINES



A obra do artista Denis Martines foi originalmente criada para ser usada como material de divulgação do evento "Rival vs Rival". O evento, que aconteceu em 2010, é uma iniciativa do grupo AfroBreak e da ONG Rede Cultural Beija-Flor e visa a quebra de preconceitos e a superação de limites por meio da arte e, principalmente, o Breaking. A obra, exposta na primeira edição do projeto Mural Templuz, teve como inspiração os quatro elementos do Hip Hop (Graffiti, Breaking, MC e DJ) para representar toda energia e força da arte de rua.

"Foi utilizada a customização e modificação de elementos artísticos, fotos e ilustrações que representam o movimento, unindo isso à prática e ferramentas do Design Gráfico", explica Denis.

A obra é também resultado de um processo colaborativo. Como explica o artista, o material é fruto das vivências de um grupo e de pessoas engajadas em diferentes áreas, como jornalismo, vídeo, fotografia e dança. O material se tornou referência, tendo sido símbolo para outras ações ligadas à iniciativa "Rival vs Rival" em Manaus e em Belo Horizonte.

Denis é graduado em Ciências da Computação e atua como Designer Gráfico e Educomunicador na Rede Cultural Beija-Flor. Ele ministra aulas com foco em Design Gráfico para crianças e jovens entre 8 e 16 anos de Diadema, em São Paulo. Ele faz parte também do coletivo Música Livre, que visa movimentar a cena musical da região.

Para ele, o projeto Mural Templuz incentiva o trabalho de designers/artistas de todo o país, traz visibilidade e credibilidade, além de tornar o trabalho referência em sua região.

"Acredito que a Arte Urbana é o marco da nossa geração. Cada vez mais, é possível tornar espaços públicos ou espaços que originalmente não foram projetados para receberem ou se tornarem arte, espaços com influência positiva no cotidiano de pessoas que por ele passam, provocando reflexões e rompendo o paradigma de que lugar de arte é dentro das galerias e museus", ressalta.



“E VEJO FLORES EM VOCÊ”
Edição 1 / 2011

ALEXANDRE ABREUVALLE



O grande desafio do psicólogo e designer Alexandre AbreuValle foi o de definir qual seria a melhor forma de transportar sua geometria tridimensional para o universo bidimensional. A obra, exposta na primeira edição do projeto Mural Templuz, faz parte da série “E vejo flores em você”, inspirada e baseada na linguagem escultural geométrica que faz parte do seu trabalho artístico.

Alexandre atua há 17 anos no universo do design e das artes visuais. Realizou projetos de arquitetura e design de interiores sempre com o objetivo de criar peças, não apenas funcionais, mas também com uma importância estética. Aos poucos foi deixando esses projetos para se dedicar exclusivamente à criação de esculturas, desenhos e pinturas.

“Neste caso a ideia costuma ficar ‘martelando’ em minha bigorna mental até que acho a solução para executá-la. Como trabalho com madeira e aço, não posso deixar de dar atenção às especificações da matéria prima, aos cálculos para conseguir os equilíbrios necessários, além de estar também sempre atento às especificações de ferramentas que utilizo para executar tais obras. Em

relação ao desenho e à pintura, a liberdade é maior, pois a tela ou o papel recebem bem qualquer ideia”, completa.

Sua geometria é baseada nas esculturas desenvolvidas ao longo dos anos e de sua pesquisa sobre como aplicar a leveza em matérias primas de grande peso físico e dificuldade técnica de execução, como chapas de aço de variadas espessuras.

“A técnica determinada para a série destas obras, da qual foi feita a obra para o Mural Templuz, é a do Giclée, termo genérico utilizado no mundo inteiro para caracterizar a impressão de uma obra de arte sobre diferentes materiais, tais como a tela, o papel etc., através de impressora de alta definição e de grande formato”, explica.

A arte urbana explicitada pela multiplicidade de artistas e sua multifacetada inspiração, permite trazer à população, assim como à quem visita a cidade, muito de nossa cultura e novas formas de se pensar a vida, relata Alexandre. “Projetos como esse, contribuem expressivamente para o desenvolvimento cultural de nossa gente e abre a possibilidade para um olhar mais amplo do que acontece ao nosso redor. Eu pude apresentar à cidade parte importante de meu trabalho, uma vez que o projeto traz arte ao cotidiano de pessoas que quase nunca ou em muitos casos nunca frequentam os espaços destinados a este tipo de cultura”, ressalta.



RAINHA LÚCIA
Edição 1 / 2011

MANUELA CAMISASCA



A obra "Rainha Lúcia", da designer Manuela Camisasca, partiu do princípio da luz. A partir do conceito de que por onde passa a rainha Lúcia deixa luz, Manuela passou para a ilustração digital livre. "Fiz uma rainha planando tranquila na noite. Como eu sabia que o desenho ficaria numa grande avenida, queria passar um pouco de paz e tranquilidade pra quem estivesse parado no sinal", relata.

Manuela é especialista em Artes Visuais: Cultura e Criação e atualmente está envolvida na elaboração de pequenos vídeos como forma de experimentar a linguagem. "Sempre gostei de desenhar. Quando morei em SP fiz todas as oficinas de tipografia, caligrafia, grafite e estampas que pude. Sempre trabalhei em agência, ora de publicidade, ora de design, mas sempre mantive meus desenhos e experimentos na ativa. Quando posso, faço uso da mão livre para trazer algum diferencial ao meu trabalho", explica.

Para Manuela, o projeto oferece oportunidade para pessoas que, como ela, têm a expressão artística abafada por jobs urgentes e práticos. "Com o projeto, podemos mostrar à cidade um pouquinho da nossa arte. A cidade fica com certeza mais rica", afirma.



NAROWÉ

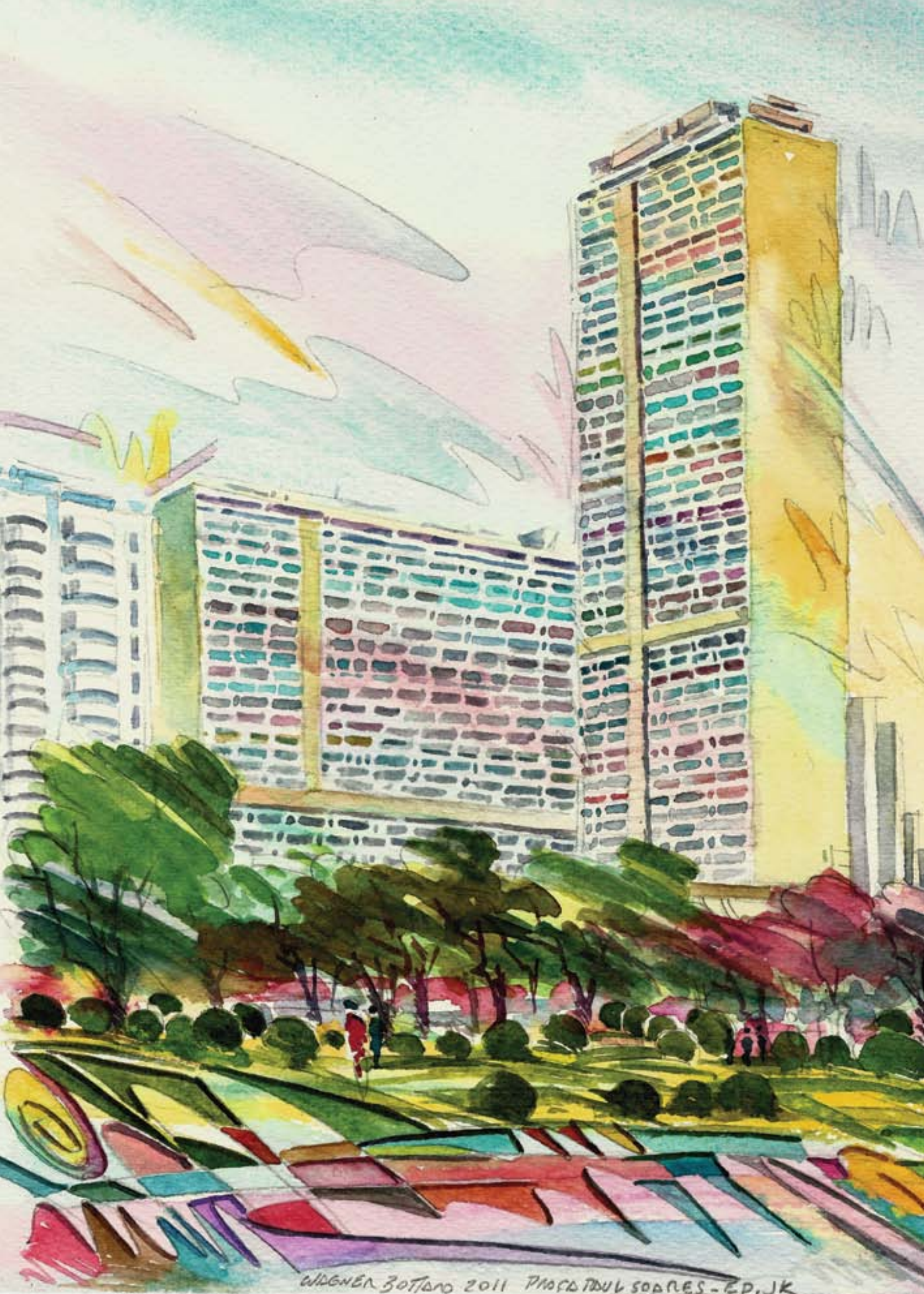


O contato do artista Narowé com o meio digital, na produção de imagens, revelou novas saídas para a arte e novos tipos de reprodução, abalando de vez sua tradição e relação com o papel. “De fato, hoje, com raras exceções, minhas pesquisas em desenho estão ligadas a procedimentos digitais. Quando não, desenho em cadernos, folhas ou guardanapos”, relata. Na busca por novos dispositivos e possibilidades para o desenho, em sentido amplo, o artista prescinde de atelier ou galerias.

A obra “guitarrista e cantor”, exposta na primeira edição do projeto Mural Templuz surgiu de seu processo como desenhista. As cores vivas e as formas caricaturais torna a obra expressiva e mis-

teriosa ao mesmo tempo. O artista vive e trabalha em Belo Horizonte e está concluindo sua graduação em Artes Visuais na Universidade Federal de Minas Gerais.

Para ele, o mural é um dispositivo expositivo aberto que colore a cidade. “Chama a atenção para outros procedimentos técnicos da arte urbana, no âmbito dos novos meios de impressão, do mesmo modo como o videomapping no âmbito da projeção, etc. Abre-se às novas mídias e meios de produção de imagem”, afirma.



EDIFÍCIO JK
Edição 1 / 2011

WAGNER BOTTARO



As aquarelas de Wagner Bottaro retratam e interpretam motivos, lugares e a arquitetura de Belo Horizonte e região. A obra "Edifício JK", exposta na primeira edição do projeto Mural Templuz, é resultado dessa pesquisa sobre a cidade de Belo Horizonte, seus aspectos e sua arquitetura. A sua pintura é uma expressão própria em relação ao mundo e uma forma de escrever a história da cidade, deixando fluir toda a sensibilidade das imagens construídas.

A presença física do artista no local em quase todos os momentos permite captar o movimento, a luz, a cor, e sua própria reinterpretação da natureza. Quando isso não é possível, ele utiliza esboços rápidos ou a fotografia, retocando no ateliê as imagens que se tornaram aquarelas.

Bottaro começou a pintar bem novo, com seus tios e amigos artistas que saíam para buscar inspiração no campo. Enquanto carregava o material da turma, Wagner aprendia sobre como desenhar e pintar a óleo.

No curso médio estudou desenho de arquitetura e depois estudou Desenho Industrial na Fuma, hoje Escola de Design da UEMG. Trabalhou com publicidade e depois entrou para a Escola Guignard, onde teve a oportunidade de aprender várias técnicas de Arte, como gravura (litogravura, xilogravura), desenho, cerâmica, entre outras sem nunca abandonar a aquarela. "Hoje meu trabalho é focado principalmente na aquarela, técnica em que realizo a maioria de meus projetos em arte", afirma.

Para ele, a iniciativa de mostrar a obra em um espaço público e de muita visibilidade é muito importante. "A maioria das pessoas não tem a oportunidade de visitar uma Galeria de Arte ou não tomam a coragem ou a iniciativa de visitar uma, entrando neste contexto também as exposições temporárias de artistas," ressalta.



BORBOLETRANDO
Edição 1 / 2011

CLORES DIAS



Transmitir arte, música e literatura. A obra "Borboletrando", da artista Clores Dias, é uma tela que evidencia a mistura de movimentos. A artista, selecionada para a primeira edição do projeto Mural Templuz, transita por diferentes linguagens e campos de expressão. "O processo de criação foi simples, talvez por eu ter várias atividades, inclusive a escrita, desejei algo que transmitisse arte, música e literatura. E foi nesse intuito que nasceu o Borboletrando...", afirma.

Pintora, escultora, escritora, documentarista, cineasta, inventora, são algumas de suas áreas de atuação. Prima de Carlos Drummond de Andrade e autodidata, a artista plástica é multifacetária. Clores já produziu três filmes, 12 documentários, escreveu cinco livros. O último, *Ecos de Outras Eras*, resgata a história de

sua árvore genealógica, fazendo registros por várias partes da Europa e do Brasil.

Suas obras revelam seu amor pela natureza, instigando novos olhares e sensibilidades. Clores trabalha com reaproveitamento de madeiras nobres e materiais como aço, ferro, vidro, pedras, raízes e troncos esculpidos pela natureza.

A artista vem participando de projetos diversos, como o Novembro em Miami. Ela reativou a associação dos artistas plásticos do Vale do Rio Doce e criou o "Salão Agroarte". Para ela, participar do projeto Mural foi uma realização pessoal. "Um sonho sonhado 30 anos atrás", afirma.



SORRIA
Edição 1 / 2011

SILLAS MACIEL



O artista Sillas Maciel explica que o processo de criação da obra "Sorria" foi 98,8% de transpiração e 0,2% de inspiração. Quando ele desenvolveu a obra para a primeira edição do projeto Mural Templuz ainda não detinha o controle de seu processo de criação. "No final das contas ficou melhor do que eu imaginava", afirma. A obra "Sorria" é uma ilustração que tensiona a relação entre design e arte.

O seu trabalho tem como proposta desenvolver projetos autorais, comerciais e colaborativos, integrando design e ilustração. Para ele, cabe ao designer fazer com que o design e a ilustração sejam bem fundamentados e aplicados, para que a comunicação deixe de ser apenas cerebral e passe a ser, também, emocional.

"Não me considero um artista. Sou designer gráfico por formação e vivo 200% de design. O que acontece é que, assim como muitos designers gráficos, o design acaba agregando muito a área de ilustração. Costumo dizer que vivo na linha tênue entre o

design e o meio artístico. Entretanto, meu processo criativo vem todo do design. Não tenho uma trajetória no campo das artes. Tenho uma trajetória como designer", explica.

Sillas iniciou seus estudos na escola técnica de Design Gráfico do Senai e depois cursou Design Gráfico na UEMG. Hoje ele desenvolve projetos de design em seu próprio escritório, em parceria com designers e criativos espalhados pelo mundo.

Para ele, o Mural Templuz é um propulsor na vida profissional de artistas visuais. "Projetos como esse deveriam acontecer não somente na Templuz, mas em muitas outras empresas espalhadas pela cidade, país e, por que não, mundo. A Templuz é uma empresa que fomenta muito o mercado criativo como um todo e tem uma responsabilidade enorme com isso, pois são iniciativas como essas que nos desafiam ao ponto de nos superar mais e mais. Iniciativas como essas podem ser uma grande chance para a entrada no mercado criativo não só mineiro como nacional", ressalta.



SRA. REPUBLIQUÉ ENCONTRA ILHA DE RÉ

Edição 1 / 2011

TATIANA TAMEIRÃO



O primeiro trabalho de Tatiana Tameirão para o projeto Mural Templuz veio de uma série que misturava desenho e fotografia. A ideia, como explica a artista, era utilizar fotos de lugares que ela havia visitado e fotografado como base e desenhar pessoas que encontrou ou avistou na rua e no trabalho e amigos.

“Eu queria criar um encontro entre a pessoa e o lugar. Um encontro que, para mim, fazia sentido. Visualmente, a ideia era que a pessoa fosse inserida na fotografia e que o resultado final fizesse pensar que o desenho era um grafite ou uma pintura mural sobre o muro, a casa, a paisagem...”, explica.

O resultado foi a obra “Sra. Républiqué encontra a janela da Ilha de Ré”, exposta na primeira edição do projeto Mural. A obra faz parte do projeto Person Meets Place (pessoa encontra lugar). Uma maneira de reunir sua grande paixão pela fotografia de paisagem e o desenho de figuras e personagens encontrados nas ruas das cidades em que morou ou pelas quais viajou. “A senhora que mora na estação do metrô Républiqué, em Paris, se encontra com a fachada da velha casa, situada na ilha de Ré”, afirma.

Tatiana se formou em pintura na Escola de Belas Artes da UFMG. Sua base é a pintura, mas o processo passa, muitas vezes, pela colagem e pelo desenho. “Normalmente, a retórica é uma parte importante do que eu crio. Mesmo que isso não seja totalmente mostrado no trabalho final, gosto que minhas criações contem uma história. Muitas vezes essa história só existe na minha cabeça, mas isso não importa”, relata.

A artista acredita que Belo Horizonte precisa de mais lugares para exposição de arte, fotografia e design. A população é receptiva e demanda cultura, mas falta acesso e visibilidade. “Ter um trabalho exposto em uma das avenidas mais frequentadas de Belo Horizonte e poder mostrar esse trabalho a tanta gente que passa por ali é muito especial”, avalia.

“A segunda parte que me toca é o fato de tirar o trabalho artístico da parede da galeria. A arte de hoje não precisa ficar presa nos padrões clássicos, em que a arte e o design eram apenas expostos em museus e galerias. Cada vez mais a arte ganha a rua e estamos vivendo em pleno “Boom” do Street art e das intervenções urbanas. O mural Templuz empresta o formato Outdoor da publicidade e a vontade de ganhar a rua do Street art para dar a Belo Horizonte um local inovador de exposição. Eu fico muito feliz de ter feito parte deste projeto”, completa.



DOIS FERIDOS
Edição 2 / 2012

NANCY MORA



A obra "Dois Feridos", da costarriquenha Nancy Mora, revela os primeiros experimentos da artista com a colagem. A criação do trabalho exposto na segunda edição do projeto Mural foi criada, como explica a artista, de forma muito intuitiva. "Eu tento, cada vez mais, fazer com que as coisas aconteçam da forma mais natural possível, até eu poder expor o meu lado mais primitivo e mais puro. Quando estou imersa na criação tento não me policiar, busco fazer do momento uma experiência libertadora", revela.

Nancy veio para o Brasil em 2008 para cursar Artes Visuais na UFMG. Ela se habilitou em Cinema de Animação e hoje seus trabalhos transitam em diferentes áreas, como ilustração, desenho, fotografia e artes gráficas. "Não sou apenas fotógrafa, ou ilustradora, ou desenhista, sou uma fazedora de imagens em constante evolução", afirma.

Um dos projetos que mais se orgulha é a Casa Camelo, um coletivo de

artistas que começou como um local de produção e se transformou em um espaço cultural independente que abriga diferentes exposições e concepções de artistas jovens da cidade.

Participar do Mural Templuz proporcionou outro olhar sobre sua própria obra. A artista acredita que a arte urbana permite deslocar o objeto artístico do seu contexto habitual e colocá-lo no lugar do cotidiano, no lugar de passagem. Esta arte cria também novos estímulos para os transeuntes, possibilitando um olhar mais aguçado para seus percursos e para o seu dia a dia. "Acho que o projeto Mural Templuz é extremamente relevante para a cidade e acredito que ele poderia extrapolar mais ainda os limites da arte urbana e ocupar mais a cidade, além do espaço privilegiado que a Avenida Nossa Senhora do Carmo oferece", ressalta.



DEIA QUINTINO



O que podemos deixar deste tempo senão o saber transmitido às novas gerações? A obra "O tempo", da fotógrafa Deia Quintino, selecionada para o projeto Mural em 2012, aborda o tempo da vida e o tempo do saber, ou seja, o olhar para vida sob a perspectiva de um senhor e uma criança. "Na foto escolhida para o mural, o senhor escorria areia entre os dedos - como se fosse o tempo acumulado em sua trajetória -, mostrando a dimensão de algo que não temos controle. A vida é esta sucessão de morrer um dia e ganhar outro, esta sucessão de um saber que, transmitido, perdura", relata.

Já a segunda fotografia selecionada para a segunda edição do projeto, intitulada "Música", retrata a luz dançando no espaço em lenta sintonia. Foi realizada pela artista durante uma viagem a Paris. "Fotografei as luzes do Louvre usando a técnica da longa exposição. Meu desejo foi o de retratar o bailar das luzes como partituras vivas", completa.

A poesia sempre fez parte do cotidiano de Deia. Para ela, muitas vezes, as pa-

lavras vêm antes das imagens e as definem sob novo processo e argumento. "A fotografia sempre me acompanhou na infância. Posteriormente, no período da faculdade, misturou-se ao design. Somente após a minha formação e atuando diretamente no ramo da criação, a fotografia tomou melhor proporção com possibilidades profissionais. Atualmente é uma ferramenta inspiradora no campo mais autoral, como também no meu trabalho principal e fonte de renda", relata.

Seu processo de criação artística é o encontro dos aspectos da realidade, associados à emoção. Toda a comunicação de algo que observa e recebe assume nova configuração. "Em alguns casos até uma catarse, uma expurgação. O processo criativo não se dissocia da sensibilidade em estágio extremamente latente. Na maior parte, ou em 90% dos casos, ele configura uma fala íntima, mesmo que reportando um tema que parece distante da minha própria vivência", explica.

Para ela, o projeto Mural Templuz é uma oportunidade de divulgar expressões das artes com a liberdade de participação e criação concedida a inscritos em todo o território nacional. "Participar deste projeto é estar no campo democrático da arte. As obras e seus conteúdos ficam expostas em ambiente público, dando possibilidade de interação e participação aos passantes", afirma.



MADU DORELLA

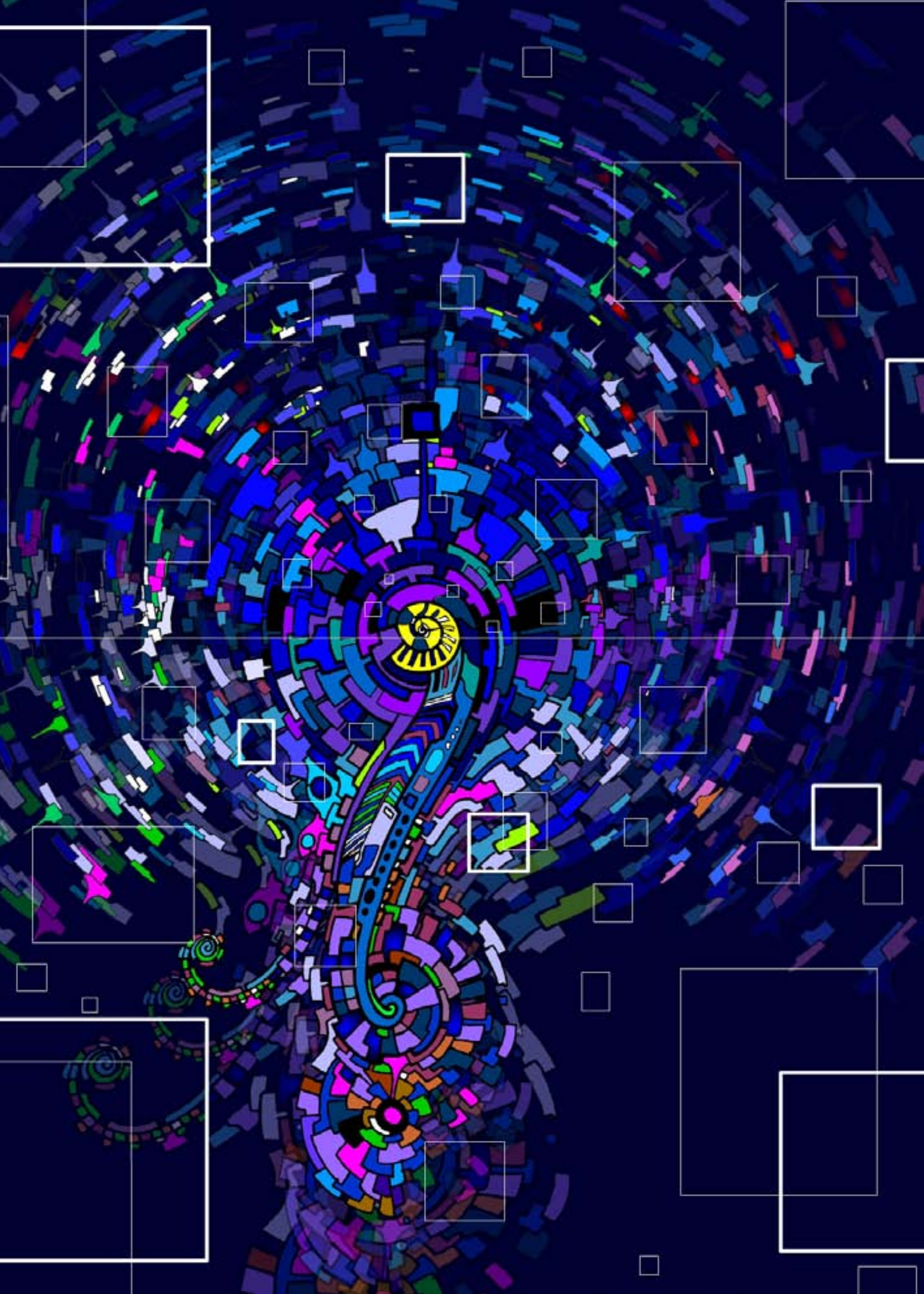


A obra "Quadrilhe", da fotógrafa Madu Dorella, foi feita durante a apresentação dos grupos de quadrilha nos festejos juninos que acontecem nas praças de Belo Horizonte. A obra, exposta na segunda edição do projeto Mural Templuz, representa o interesse da artista pela cultura popular e pelas manifestações artísticas de rua. "O rodopio da dança dos casais provoca o movimento das saias rodadas, de cores alegres e vibrantes que parecem pinceladas em uma tela", explica.

A princípio, a fotografia apareceu em sua vida como um hobby, despertada pela admiração do trabalho de um tio fotógrafo. "No entanto, durante a faculdade, no curso de Comunicação, a fotografia ganhou nova dimensão e importância para mim, fazendo com que eu buscasse maior conhecimento e aprimoramento. Fazendo cursos, pesquisando e praticando, procuro fazer trabalhos na fotografia que reflitam sobre o meu desejo e o meu pensamento", relata.

Madu é sócia da CultivArte - Gestão Cultural, voltada principalmente para a fotografia autoral, e vem atuando junto a grupos e entidades ligadas à fotografia e às artes no sentido de elaborar, produzir, promover e difundir projetos importantes para o cenário cultural do país. É membro atuante do Fórum Mineiro de Fotografia Autoral e foi representante das Artes Visuais na Comissão Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte.

Para ela, iniciativas com a da Templuz, que promovem a difusão da arte e criam oportunidade para novos artistas, são fundamentais no cenário cultural da cidade. "Participar desse projeto foi, além de uma enorme satisfação, uma excelente oportunidade para divulgar o meu nome e o meu trabalho, assim como para dar visibilidade à fotografia como uma expressão artística com notória importância no universo das artes", completa.



MÁQUINA DE COR
Edição 2 / 2012

RODRIGO VIEIRA



O processo de criação da obra “Máquina de cor”, exposta na segunda edição do projeto Mural Templuz, foi puramente instintiva. Como explica o artista Rodrigo Vieira, a cor foi o elemento determinante em sua composição pela necessidade de apelo visual de uma obra que seria vista por muitos e de uma distância razoável.

“O processo de composição foi estritamente introspectivo e por muitas vezes ligado a organicidade das formas, inspirado, em sua vertente principal, na estética vegetal e animal,” afirma.

Nascido em 1972, em Belo Horizonte, o artista plástico autodidata realiza seus trabalhos em diversos suportes e em diferentes linguagens. Influenciado por alguns movimentos artísticos, tais como cubismo, surrealismo e realismo fantástico, sua arte se distingue pela mistura e pela riqueza de detalhes.

Suas inspirações apresentam diferentes vertentes. Vão desde movimentos quadrados, série de quadros, painéis, ilustrações convencionais e digitais, a coleções no estilo realismo fantástico, apresentadas por meio de diversos objetos, mosaicos, desenhos, pinturas e composições digitais materializadas em composições orgânicas inspiradas na organização social e na variedade de formas do mundo natural.

Para ele, o Mural Templuz é relevante na disseminação cultural e artística de novos conceitos visuais. “O projeto proporciona uma excelente promoção do artista iniciante e sua obra, visto que a exibição é feita em um grande corredor de acesso à cidade”, afirma.



LEONARDO MATHIAS



A obra "Entremeios", do artista Leonardo Mathias, nos remete à relação de projeção e interdependência entre o ser e o objeto. Ela faz parte de uma série denominada "em esse me", nome de um poema publicado em seu livro. Uma atmosfera vaga revela indícios de um corpo que se pode acessar visualmente por meio de objetos. A técnica mista aplicada, com transparências e tecido, faz com que o desenho transgrida o espaço pictórico e exista como objeto no espaço tridimensional.

Leonardo opta, em seu processo de criação, pela desconstrução de sentidos. Literatura, cinema, quadrinhos, artes visuais, ilustração e o design são materiais para o seu trabalho. "Descobri na prática artística uma ferramenta que possibilitou a apropriação e a amálgama de todas estas mídias", relata.

O artista atua nas áreas da literatura, artes visuais e design. Ele já colaborou para veículos como os jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, as

revistas ZUPI e InPrint Magazine. Participou também de diversas mostras coletivas, como o Salão de Abril, em Fortaleza e o Salon d'Automne França-Brasil, em Ribeirão Preto. Em 2012, realizou sua exposição individual "As Janelas de Rilke", premiada pelo ProAC Artes Visuais da Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo.

Para ele, no contexto urbano, é crucial que um estabelecimento comercial bem posicionado apoie a difusão da arte que enriquece e diversifica o espaço público.

"No meu caso, nunca imaginei a possibilidade de um desenho em pequeno formato ocupar o espaço de uma grande fachada. A ação realizada repercutiu novas possibilidades de criação e exposição do meu trabalho", ressalta.



GERMINAÇÃO
Edição 2 / 2012

THAIS CONDE



Os detalhes das pétalas de flores, suas cores e formas inspiraram a artista Thais Conde a criar uma obra que representasse o nascimento e a ramificação do amor. A ilustração "Germinação", exposta na segunda edição do projeto Mural Templuz, começou com uma série de experimentos utilizando reabastecedor de pincel atômico e nanquim onde a artista produzia manchas no papel e criava desenhos a partir da pareidolia, um fenômeno psicológico que envolve um estímulo vago e aleatório, geralmente uma imagem ou som, sendo percebido como algo distinto e com significado.

"Meu processo criativo é um intenso caos e experimentalismo", ri Thais Conde. "Quando ilustro, a criação do desenho e a pintura acontecem ao mesmo tempo. Expresso na tela o que estou sentindo no momento, sonhos que tenho ou apenas figuras que visualizo na pintura", relata.

Thais cresceu desenhando. Em sua família todos trabalham com arte e artesanato. Ela se formou em Design de Ambientes

na Universidade do Estado de Minas Gerais onde começou a se especializar em técnicas de ilustração, concept art e modelagem em cursos oferecidos pela Faculdade de Design. Com pouco conhecimento sobre técnicas de pintura, em 2011 começou a desenvolver sua forma de ilustrar e se expressar com o uso das cores.

Em 2012, participou com trabalhos nas exposições coletivas: CrowdArt de Quem Faz (SP), Visio Auto-retratos (BA), CrowdArt de Quem Faz (RJ) e IV Mostra de Artes Visuais – UEMG (MG), inauguração da loja Urban Arts (BH), em 2013, e na exposição Desenhe Super Heróis (SP), em 2014.

A artista acredita que a arte urbana interfere no ambiente do indivíduo que está de passagem, transmitindo beleza, ideais, valores e uma história íntima e única de cada artista plástico. "Poder compartilhar meu trabalho e mostrar minha arte para diversos públicos foi uma realização", afirma.



ADORANDO
Edição 2 / 2012

CAIO RODRIGUES



Caio Rodrigues seguia em direção ao Mar Morto em Israel quando a comitiva se viu ilhada. Uma enxurrada de degelo invadia o local e um grande engarrafamento se formou, provocado por um deslizamento de terra. Em meio a todos os carros, impossibilitados de seguir viagem pelo deserto, ele viu uma garotinha feliz debruçada na janela de um Jipe.

“Enquadrei e cliquei. Quando revelei a foto, tirada de uma câmera analógica, me surpreendi com o momento da risada da garotinha”, afirma. Eram dias difíceis naquela região e a menina se tornou uma inspiração de alegria. A obra “Adorando”, exposta na segunda edição do projeto Mural

Templuz, mais especificamente em outubro de 2012, foi uma homenagem às crianças e seu olhar inocente.

O arquiteto e cenógrafo acredita não ser possível controlar nem saber muito sobre o que vai acontecer na fotografia. Mas os cliques documentam, em conjunto com uma série de outras fotos, uma compreensão que ele teve ao visitar a palestina. “Ter um painel que exhibe arte na fachada de um edifício significa uma gentileza urbana e uma ótima iniciativa a qualquer momento. Fico satisfeito em ter participado”, completa.



SONIA BURGARELI



As obras “Arara Canindé” e “Arara Vermelha do Brasil”, da artista Sonia Burgareli, foram expostas na primeira e segunda edição do projeto Mural Templuz. Ambas fazem parte da série, “Animais Silvestres do Brasil” que totalizam 20 obras e são fruto de uma longa pesquisa da iconografia e cultura indígena brasileira e animais silvestres em risco de extinção.

O processo de criação de Sonia sempre parte de uma pesquisa e seu repertório está extremamente ligado à cultura brasileira. “Faço leituras e até pesquisa de campo para, depois de esgotada a parte teórica, me debruçar sobre as telas. Quando começo a pintar já tenho um croqui do que farei. Muitas vezes mudo durante o processo ou acontecem acasos que introduzo na obra; porém sempre parto de um projeto, uma proposta”, explica.

Sonia começou a pintar ainda adolescente. Nesse período ela quase abandonou a pintura pelo fato de ter perdido a visão. Graças a um transplante bem sucedido de córneas ela pôde voltar a pintar. Ela se formou em Educação Artística na UEMG, Ciências Sociais na UFMG e hoje cursa Artes Visuais também na UFMG.

Ela conta que, no início, expunha seu trabalho em bares e restaurantes da faculdade, além de participar de muitas exposições coletivas.

“Quando fiz uma exposição coletiva no Rio de Janeiro, em 2007, uma curadora gostou do meu trabalho e me convidou para expor em Nova York. Em 2008, participei da ARTEXPO New York com outros artistas brasileiros. Em 2012, fiz uma exposição individual em Lisboa. Neste mesmo ano participei do International Art Festival e fui selecionada para expor no Museu de arte Russa, na sede em New Jersey, USA. Em 2013 fiz trabalhos na Escócia e no Canadá. Participei de duas exposições digitais em Nova York e em Paris no projeto SEE ME”, relata.

Para Sonia, o projeto Mural Templuz é uma vitrine onde o artista pode mostrar seu trabalho de uma forma inovadora. “Gostaria que ações como esta fossem mais comuns no setor privado. São inúmeros artistas que desenvolvem um trabalho bacana e não têm a oportunidade de mostrar. E há espaço sobrando na capital. O inovador é ser uma galeria a céu aberto, 24 horas”, propõe.



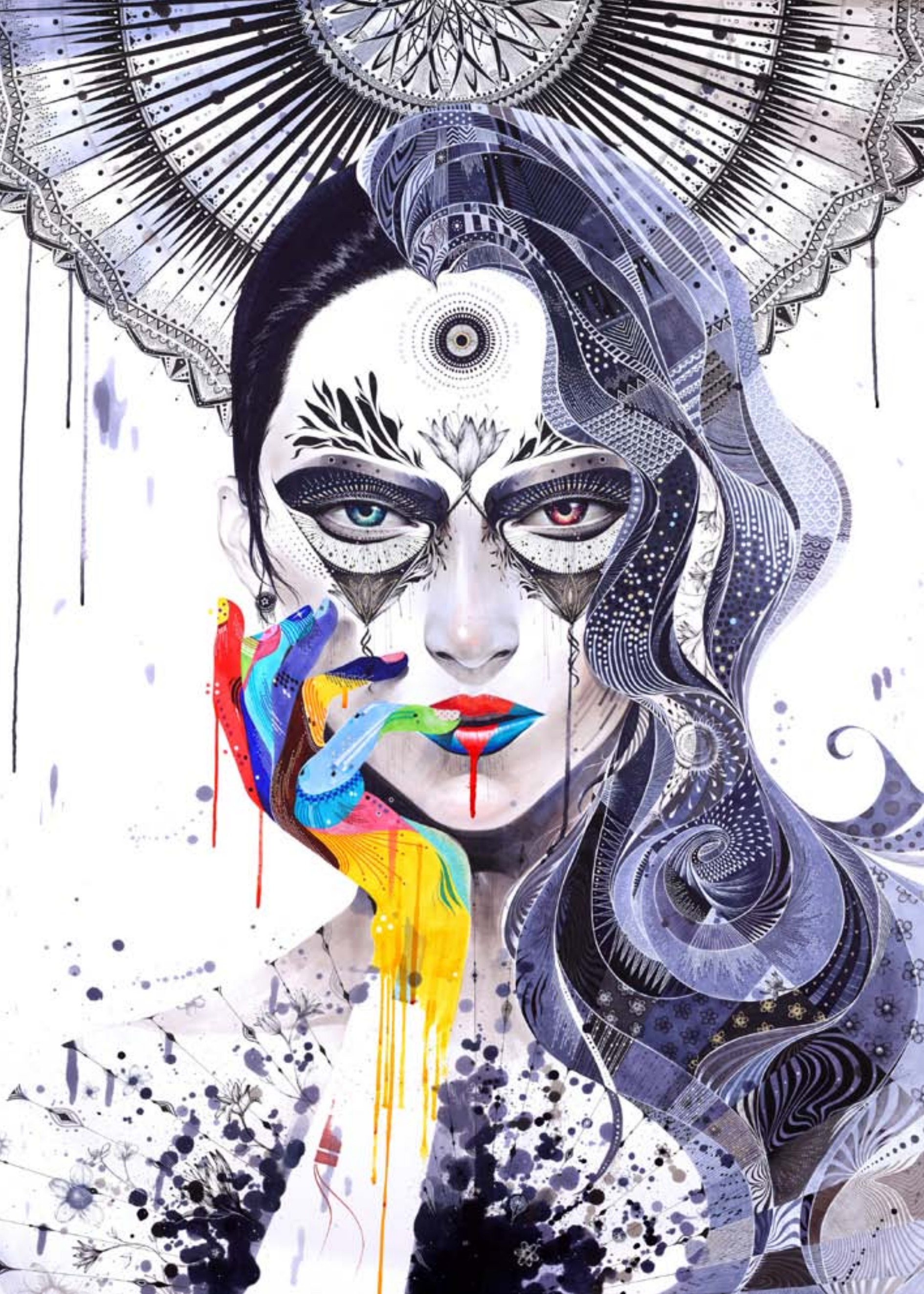
NATI LOUREIRO



A obra "Bike", da artista Nati Loureiro, é resultado da união de seus trabalhos fotográficos sobre arte pública com suas experimentações em ilustração e pintura digital. A artista transita entre pinturas, aquarelas, ilustrações digitais e fotografia urbanística, sempre buscando, a partir de misturas de técnicas e temáticas, inserir o contexto social em suas obras.

Nati iniciou sua trajetória artística com o desenho. "Me formei na Escola Guignard, que me deu a base teórica necessária para seguir trilhando experiências. Atualmente, além de ter uma produção autoral, tornei-me arte-educadora e transmito minha afeição pelas artes para as crianças", explica.

Para a artista, o Mural representa uma ocupação da paisagem urbana pela arte. "O projeto foi devesas importante não só para meu trabalho como artista, mas também para a cidade", afirma.



JANUS
Edição 3 / 2013

MINJAE LEE



Uma profusão de cores vibrantes onde cada centímetro é único e cheio de significados. Ver a obra de Minjae Lee, artista sul coreano, em um mural gigante foi uma experiência marcante aos transeuntes da Avenida Nossa Senhora Do Carmo. A obra "Janus", exposta na terceira edição do projeto Mural Templuz, encanta pela simplicidade e beleza. O artista, de apenas 23 anos, faz desenhos incríveis com materiais básicos, como canetas, lápis e marcadores. A maioria de seus desenhos tem como inspiração a face humana, mas com um toque de cores bem vibrantes. Autodidata e dono de um estilo autoral, Minjae Lee tem ganhado destaque mundial por suas ilustrações multicoloridas, compostas por uma infinidade de camadas sobrepostas.

O artista explica que seu processo criativo é fluido e espontâneo. Lee jamais utiliza esboços, e o aspecto final de suas obras vai sendo moldado à medida que o trabalho ganha cores e camadas. "Uso principalmente canetas, e o processo é muito simples. Quando quero buscar alguma história ou pensamento, reflito sobre o modelo e, principalmente, sobre as cores que quero utilizar. Depois busco possíveis objetos que vou querer associados às imagens e pronto. Então, é só começar a desenhar o modelo e a colocar as cores que idealizei. Os objetos surgem naturalmente", afirma.

Desde a infância, Lee foi apaixonado por cores. Um dia descobriu as cores vividas dos marcadores e canetinhas coloridas e, então, encontrou a inspiração que precisava. Mas a falta de incentivo para explorar ao máximo o potencial das mais diversas tonalidades – inclusive por parte dos seus professores – o levou a desenhar sozinho e a guardar para si boa parte de seus trabalhos.

Aos 17 anos, o artista começou a ter mais contato com a internet e o que era hobby começou a tomar forma de uma carreira profissional. "Descobri sites muito interessantes onde pessoas que, como eu, gostavam de arte, podiam expressar seu trabalho. A partir desse momento, as pessoas começaram a conhecer meu trabalho e isso se espalhou muito rápido pela internet. Em 2007, as pessoas começaram a me procurar, oferecendo-se para comprar minhas criações. Foi aí que a parte comercial começou", explica o artista.

Para o artista, a participação no projeto é uma oportunidade de expandir seus horizontes: "o que eu mais quero é fazer com que meu trabalho seja visto pelo maior número de pessoas no mundo, pois essa visibilidade é que faz com que outros jovens o conheçam e me procurem para trocarmos experiências, informações e técnicas. Assim, podemos evoluir cada vez mais e conquistar mais espaço", diz.



MAJA WRONSKA



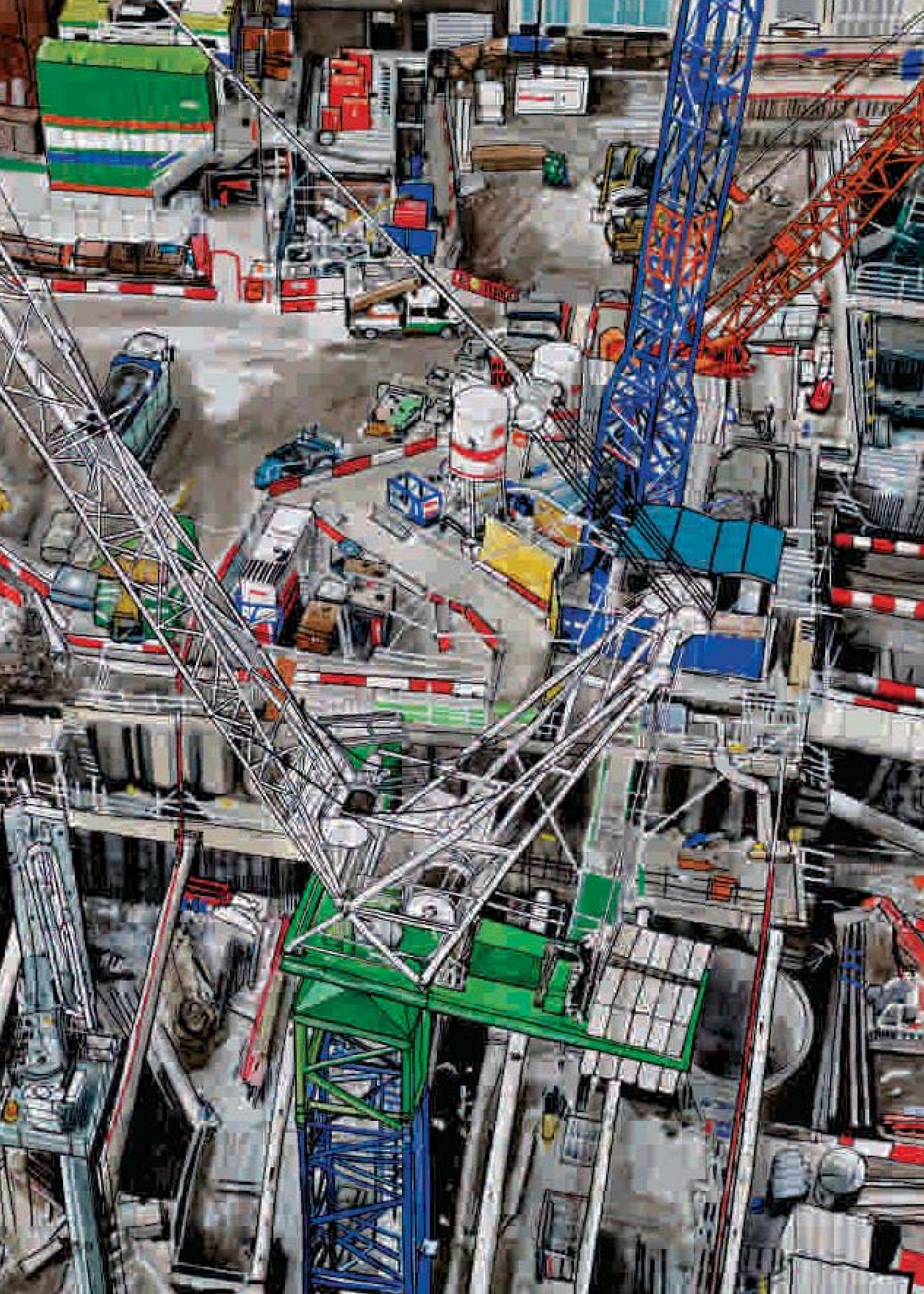
É quando chega sexta-feira ou sábado pela manhã que Maja sente vontade de pintar. “É um pouco estranho, mas acho que minha inspiração está mais ligada a um momento específico na semana conectado mais com a rotina do que alguma inspiração extravagante. Às vezes, quando eu vejo um edifício ou a sua foto eu penso: O! É ótimo. Preciso desenhar”, afirma em seu site.

A obra “Brooklyn em Nova York” da arquiteta polonesa Maja Wronska retrata a famosa ponte do Brooklyn em Nova York. Exposta na terceira edição do Projeto Mural Templuz, a tela surpreende pela paisagem onírica executada em aquarela. Mesmo que nunca tenha visitado o local, a artista transmite uma aura leve e emblemática do espaço. Maja explica que seu trabalho é extremamente ligado à arquitetura e que só começou a pintar seriamente durante as aulas de desenho na graduação.

Maja trabalha com aquarela e reconstitui paisagens arquitetônicas de diversos pontos turísticos. Londres, Paris, Praga e até a Disney Land, a artista traz cor numa perspectiva de sonho para tudo o que pinta. Ela começa suas obras usando lápis, e depois marcadores, e conclui com a aquarela. A artista adora a combinação de roxo e azul e diz que costuma utilizar um regador com tinta azul ou vermelha para criar pontos aleatórios no papel.

Ela se formou em arquitetura pela Universidade de Tecnologia de Warsaw. Maja explica que há uma ligação com a atividade artística, mas é diferente de pintar ou desenhar. “Existem cursos de desenho e pintura nos primeiros dois anos, mas é tudo. Somos preparados para os projetos arquitetônicos. As atividades artísticas são limitadas”, ressalta.

A artista considera a cidade de Veneza como a mais inspiradora do ponto de vista da arquitetura. “Veneza tem uma atmosfera incomum. Nada há de pomposo ou fora de escala. Eu acho que também adoraria Chicago e NY, mas eu não posso ter certeza - eu nunca estive lá”, relata.



URBANO
Edição 3 / 2013

PATRICK VALE



As paisagens de Patrick Vale capturam o imaginário público, os dias intensos e as estruturas urbanas com uma riqueza de detalhes que impressiona. O ilustrador, desenhista e animador londrino utiliza várias canetas para criar seus desenhos inspirados nos retratos das cidades. A riqueza de detalhes e a complexidade de sua caligrafia tornam seus trabalhos especiais. A obra "Urbano", exposta na terceira edição do projeto Mural Templuz, é um exemplo de paisagem que impacta e desafia o espectador. Seus desenhos a mão livre vão além da simples descrição: capturam a energia e o espírito dos locais por onde passa.

"Linhas da cidade" foi a sua primeira exposição individual na Galeria Coningsby, em Londres, e mostra desenhos feitos a partir de viagens ao longo de três anos em Nova York, San-Francisco, Los Angeles e Londres, cidade onde mora. Em seus desenhos, Patrick nos mostra estruturas complexas e explora com detalhes os locais. Muitas vezes, ao escolher um ponto de vista mais elevado, o artista cria um trabalho capaz de representar vastas áreas da cidade e nos convida a investigar e se envolver com os espaços. "Eu não sou tão perfeccionista, meu objetivo não é que o desenho seja uma verdadeira representação. Eu apenas tento deixar a caneta decidir o que precisa ser mostrado", revela.



SPACE LION
Edição 3 / 2013

MAAHY



O artista Maahy nasceu e cresceu em um dos países mais belos do mundo, as Maldivas. Com apenas 18 anos, o artista autodidata se tornou um dos grandes nomes da ilustração em seu país. O fato de nunca ter estudado arte e fazer apenas por paixão, fez com que ele percebesse no o desenho a única forma de cumprir o seu desejo de criar. “É o escape perfeito para minha mente, é minha liberdade e onde minha imaginação busca alma e dá existência”. A obra “Space Lion”, exposta na terceira edição do projeto Mural, é um misto de cores e ícones fascinantes que revelam sua inspiração pela natureza. Vento frio, céu ensolarado, mares cristalinos, os pés no chão. Maahy se inspira na simplicidade das coisas e na arte destemida e cativante.

Sua arte retrata o minimalismo do preto e branco, bem como a beleza caótica e o mistério de doodling e zentangles, os fluxos de linhas fluidas, e um aroma fascinante, com toque de café. O artista trabalha intimamente com canetas de tinta e lápis de grafite. Para ele, a chave para terminar uma obra de arte detalhada é uma paciência imensa e perseverança. Ele sempre carrega uma câmera para capturar padrões orgânicos interessantes, formas e desenhos que ele vê todos os dias. “Quer seja na estrada, em uma poça de lama, nas nuvens que dançam, eu deixo minha inspiração sempre a rolar”.



SELF PORTRAIT III
Edição 3 / 2013

NIKOS GYFTAKIS



A obra "Selfportrait III", do artista grego Nikos Gyftakis, faz parte da série Auto- Retrato, criada entre 2004 e 2005. A obra, exposta na terceira edição no projeto Mural Templuz, traduz também um momento de criação de sua "identidade" artística. "Meu lema é que nada é absoluto, mas tudo se move na esfera da relatividade e da convenção. É um outro significado do que o antigo filósofo grego Heráclito disse uma vez: 'Tudo flui e nada fica parado'", afirma. O percurso artístico de Nikos começou com cinco anos, quando descobriu a pintura e o piano. Ele estudou pintura, palco teatral e figurinos, na Escola de Belas Artes da Universidade Aristóteles de Salônica, na Grécia. Seus estudos musicais também construíram um ponto de referência e inspiração para sua busca artística.

Seu trabalho de criação é organizado em torno de um tema dinâmico dominante e é totalmente ligado ao movimento, fluxo e musicalidade. "A linha é o meio principal, as curvas substituem os cantos e a continuidade vem no lugar da descontinuidade. Os elementos estruturais que uso são o círculo e a linha curva, que caracterizam a minha percepção da realidade visual", afirma.

O artista explica que o seu objetivo é encontrar uma maneira de colocar o elemento do tempo (passado, presente, futuro) em suas pinturas e ver o que acontece quando o fluxo da linha transforma o que ainda per-

manecia convencional. "Como a água escava a terra criando diferentes tipos de paisagens, da mesma forma a cor desenterra a psique do ser humano, possibilitando que a singularidade de cada rosto apareça", revela.

Nikos acredita que o projeto Mural levanta questões sobre o que é considerado arte, em que espaço a obra deve ser exposta e a quem deve ser dirigida. "Apenas aos conhecedores de arte pública ou arte em geral? Achei o projeto Mural Templuz muito interessante desde o primeiro momento em que ouvi sobre ele. A escala da tela, o caráter urbano e o fato de que minha obra esteve, em um determinado período de tempo, disponível para muitas pessoas, não no contexto de uma galeria ou museu, me deu o prazer de participar desse projeto".

A ideia de uma "galeria ao ar livre" de arte urbana, como a do projeto Templuz, é, de acordo com o artista, muito atual. Para ele, esse tipo de iniciativa agrega valor ao cenário da arte contemporânea, ajudando artistas a apresentarem o seu trabalho a um novo público e, ao mesmo tempo, trazer a arte para a vida cotidiana das pessoas. "Especialmente para artistas internacionais como eu, é fascinante saber que um dos meus trabalhos artísticos originais pode ser impresso, viajar para o outro lado do mundo, ser exposto em uma enorme parede de uma rua central de Belo Horizonte e poder "transformar", de alguma maneira, a paisagem urbana", completa.

FINDAC



Diferentes imagens em um significado oculto. O artista holandês FinDac explica que a obra 'Blackjack' foi inspirada em Jack Black, o caçador de ratos mais famoso da era Vitoriana. Dizem que ele era o rat-catcher oficial da Rainha Vitória. O trabalho expressivo e rico em detalhes, pode, porém, sugerir outros significados.

O processo de criação da obra, exposta na terceira edição do projeto Mural Templuz, é um misto de camadas. O artista explica que utilizou o photoshop para unir diferentes imagens pintadas numa camada de stencil. A partir da imagem em stencil, ele pinta utilizando sprays e acrílicos. "Pintar sobre o stencil tem sido um trabalho bem sucedido, mas tenho me afastado desse processo em trabalhos mais recentes", afirma.

FinDac definiu e aperfeiçoou um estilo único de pintura com stencil que transcende a linguagem visual mais aceita na arte de rua. Ele chama isso de "a estética urbana" - uma tomada moderna para um movimento de arte do século XIX. FinDac

é um artista autodidata e não-conformista. Seu trabalho realista com o stencil já lhe rendeu um show solo em 2010. Ele vem se dedicando também em colocar seu trabalho nas ruas de todo o mundo, de Bogotá a Berlim.

"Tentei o meu melhor para evitar fazer o que outros artistas de rua fazem e tenho sido muito não-conformista, possivelmente devido a minha falta de conhecimento na minha abordagem para tudo que faço. Mas isso tem ajudado a definir o meu trabalho para além da norma e, no meu ponto de vista, não é uma coisa ruim", explica. Para ele, a participação em qualquer projeto que mostra a sua arte a pessoas que, de outra forma, não teriam a chance de conhecê-la, é uma coisa boa e muito importante para o desenvolvimento contínuo e o sucesso da cena artística contemporânea.





FALCON
Edição 3 / 2013

HUA TUNAN



“Falcon”, do artista chinês Hua Tunan, é uma explosão de diferentes estéticas e técnicas artísticas. Ele une a arte tradicional chinesa e ocidental e o graffiti a salpicos criativos da arte da tinta chinesa. Essa mistura revela um resultado inacreditável e ao mesmo tempo belo. Tuanan combina os princípios da arte chinesa com a cultura contemporânea para criar uma pintura onde as cores parecem explodir em diversos tamanhos e formas.

“Esta peça traduz uma linguagem típica da pintura chinesa oriental. O corpo do falcão são paisagens da pintura e das tintas chinesas. Seus olhos permanecem observando todas as pessoas”, descreve.

Hua Tunan é uma das principais figuras no universo da ilustração chinesa, pintura e arte de rua. Viver na cidade costeira de Foshan, localizada na província de Guangdong, proporcionou uma formação clássica na ilustração chinesa que contribuiu para o seu estilo único de fazer arte. O artista produz obras geralmente pintadas à mão. Como ele

não vende as peças originais, ele pinta em cima das cópias fazendo com que cada uma seja única. Essas impressões personalizadas é o mais próximo que se pode chegar das obras de Tuanan.

“Criar a partir da combinação entre a cultura oriental e o graffiti é algo que eu sempre tenho feito. O desenvolvimento da arte urbana precisa de um diálogo maior entre a cultura local e a linguagem global. Essa união traz um charme único, faz o trabalho atrair o público e ressoar por diferentes países”, explica. Seu processo de criação artística é uma explosão de emoções. “Um processo de autoliberação e prazer coerente, cheio de força e velocidade”, afirma.

Hua Tunan foi um dos artistas selecionados para criar os desenhos das novas embalagens de bata frita do McDonald's, durante a Copa de 2014 da FIFA no Brasil. O trabalho “Mundo da Vitória” foi aplicado e lançado globalmente. Patrocinadora oficial do evento esportivo, a empresa nunca havia feito uma alteração global no design de suas caixas.



281_ANTI NUKE



A imagem de uma criança com traços nipônicos e de vestido com o escrito: "311 Is Not Over". A obra do artista japonês conhecido como 281_Anti Nuke fez parte da terceira edição do projeto Mural Templuz e teve como objetivo conscientizar as pessoas sobre as consequências do acidente nuclear que aconteceu em Fukushima, em março de 2011. 281_Anti Nuke é um artista de rua que possui trabalho diverso para mostrar a situação política e social de seu país.

Anti Nuke começou desenhando para ele e amigos. Seu trabalho artístico só ganhou viés político depois do terremoto e do tsunami que mataram cerca de 20 mil pessoas e instauraram uma crise nuclear em seu país. As imagens do desastre de Fukushima o impactaram tanto que o artista passou a utilizar a street art como forma de contribuir para o movimento anti-nuclear no Japão. Em várias avenidas de Tóquio é possível encontrar

adesivos de oito polegadas ou do tamanho de um adulto com imagens de pessoas e frases curtas em inglês. 281 optou pelo idioma por considerar o inglês uma língua mais objetiva, direta e icônica. Já a utilização dos adesivos, ao invés do grafite, por exemplo, foi escolhida pelo artista por ser mais fácil e rápido de aplicar.

A preocupação em não ser identificado veio das ameaças de morte que sofreu quando começou a postar sua arte na internet. A partir daí, retirou todas as informações pessoais do Twitter e do Facebook e passou a se camuflar usando capuz, óculos de sol e uma máscara cirúrgica. Apesar de ninguém conhecer o rosto e o nome de Anti Nuke, o japonês já conquistou visibilidade na mídia internacional.



SAX 01
Edição 3 / 2013

PIYATAT HEMMATAT



Piyat Hemmatat nasceu em dezembro de 1976 em Bangkok, na Tailândia. Aos 14 anos, foi expulso da escola secundária. Como nenhuma escola na Tailândia se atreveu a aceitá-lo, foi forçado a ir para um colégio interno na Inglaterra. Lá, foi encorajado a ser criativo pela primeira vez em sua vida.

Sua obra "Sax01", exposta na terceira edição do projeto Mural Templuz, surgiu de um trabalho na Jazz Gallery, em Bangkok. O proprietário o contratou para documentar a vida na galeria de Jazz. Ele passou dois meses no local com os músicos. Na primeira semana não utilizou a câmera, para se familiarizar.

"Eu nunca pedi aos músicos que posassem para mim. Todas as gravações foram espontâneas. A foto que enviei para o projeto Mural Templuz foi "Sax01". Só depois descobri, do atual proprietário, que o dono anterior do saxfone morreu algumas semanas antes que eu tirasse a foto", explica. Foi na Escola de Belas artes, em Londres, que a fotografia se tornou sua religião. Após a obtenção de um mestrado de Belas Artes no Chelsea College, também em Londres, em 2002, trabalhou em um estúdio de design. Em 2007, por causa da mor-

te de sua avó, retornou para Bangkok após 16 anos na Inglaterra. Criou o instituto RMA, um espaço criativo. R-MA em chinês significa 'avó'. O espaço é assim chamado porque já foi a casa de sua avó.

"Tenho trabalhado como artista por cerca de 12 anos, e não vou parar até que eu esteja morto. Para mim, é tudo sobre como aplicar o meu instinto para a criação de trabalhos e manter a mente aberta para novas possibilidades", completa.

O projeto Mural Templuz, na opinião do artista, foi uma grande oportunidade para mostrar o seu trabalho pela primeira vez em um novo território. "Sou uma pessoa da cidade, sempre fui e sempre serei. Embora meu trabalho seja em grande parte sobre a espiritualidade e a existência, o moderno e superficial estilo de vida da cidade me inspira a ver além", afirma.



DAVID WALKER



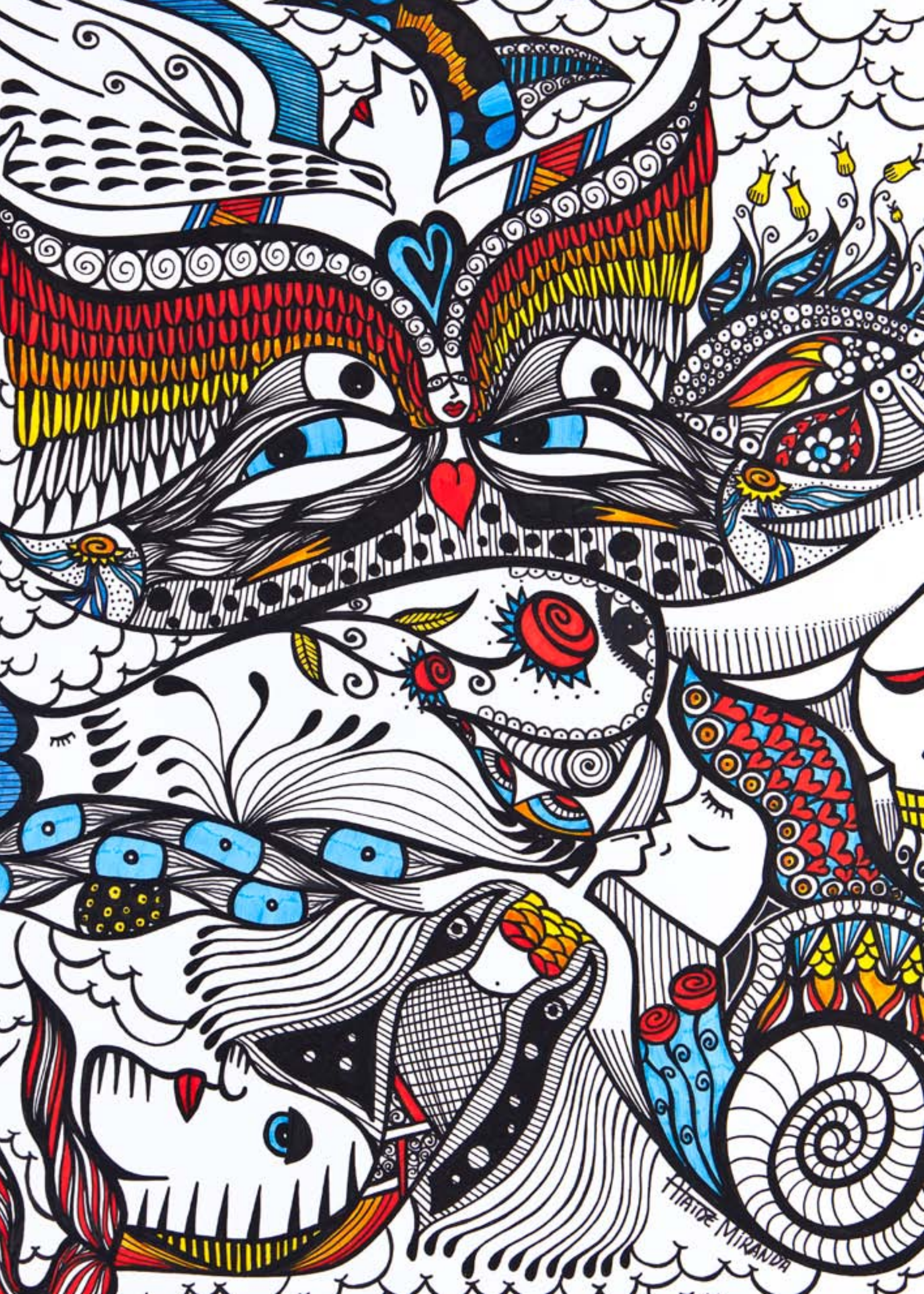
Como num passe de mágicas os rabiscos coloridos que David Walker lança nos muros vão tomando forma e adquirem uma expressão inesperada. Com a pulsão da energia que vem do local onde pinta, David pincela rapidamente e o resultado são retratos que fundem realismo, abstração e a arte do Grafite. A obra Marianne, exposta da terceira edição do Projeto Mural Templuz, é o resultado dessa força inspiradora aliada a uma incrível técnica artística.

Inicialmente a impressão é que os jatos multicoloridos de tinta spray são distribuídos de forma aleatória. Aos poucos, nota-se que a profusão de cores, na verdade, forma o pano de fundo no qual emergem figuras femininas, que se tornaram marca registrada dos trabalhos de Walker.

Um expert na arte do retrato, David pinta à mão livre, usando apenas tinta spray e sem o auxílio de escovas. Influenciado pela street art, ele desenvolveu uma assinatura com estilo multicamadas e essa sobreposição se transforma em belos retratos femininos inspirados em fotografias recortadas de revistas. Ele incorpora, ao mesmo tempo, uma sofisticada técnica com inúmeras linhas e áreas abstratas que tecem, através de cores berrantes, gotejamentos translúcidos e letras em decomposição, retratos visualmente ricos.

Seu trabalho é exibido em diferentes países com objetivo de desafiar os preconceitos que envolvem a arte, pintura e arte urbana nos limites da galeria e do espaço público.

David Walker produziu seus primeiros trabalhos nos muros de Londres. Atualmente, expõe em diversas galerias ao redor do mundo. Ele já esteve em Berlim, Hong Kong, Los Angeles, Lisboa, Londres, Nova York e Paris, entre outros, e suas pinturas são apresentadas ao lado das principais figuras da arte urbana contemporânea.



ATAÍDE MIRANDA



Ataide Miranda começa seu processo de criação direto na tinta. A partir daí vai enxergando nas linhas e traços as formas, a presença dos personagens e do cenário. Não foi diferente na obra “Sonhos de Ícaro”, exposta na terceira edição do projeto Mural Templuz. Nessa obra ele utilizou tinta nanquim sobre o papel sem qualquer rascunho. O desenho representa os inúmeros sonhos do personagem, dentre eles, o de voar. O quadro explora cores vivas para valorizar os detalhes do desenho.

Nascido em Belo Horizonte, o ilustrador expressionista autodidata se inspira em temas mitológicos, lúdicos e teatrais. Em 2010, ingressou na faculdade de Design Gráfico. Nas aulas de História da Arte foi descoberto por sua professora, começando ali sua caminhada nas artes plásticas. “Foi

nas aulas dela que vi que meus traços tinham algumas semelhanças com certas obras de arte. Mostrei meu trabalho e daí tudo começou!”, relata.

Por ser autodidata, Ataíde não costuma definir o seu estilo. “Quando não tenho noção do que vou desenhar, não traço nada antes. Começo a partir de curvas e, dessas curvas, passam a surgir, por exemplo, animais ou corpos de mulheres. A imagem feminina, aliás, me inspira muito!”, afirma o artista. Com a técnica do nanquim sobre papel, acrílica sobre tela e experimentando novas áreas, sua arte também já está nas paredes da cidade em forma de grafite.

Para Ataíde, o Brasil é um país carente e pouco informado sobre os grandes artistas e suas grandes obras. “São projetos como esse que incentivam as pessoas a gostar e se interessar por arte, além de deixar nossa cidade mais bonita!”, relata.



ALGO ME DIZ QUE QUER FICAR

Edição 3 / 2013

EDUARDO FONSECA



Um cão com corpo de gente. O doberman usa terno, tem polegares opositores e possui um relógio que o coloca no seu tempo. Atrás dele há uma cortina vermelha. A cortina sugere que o cão está em um teatro, ou pelo menos representando seus devaneios e autoafirmações.

A obra "Algo me diz que quer ficar", de Eduardo Fonseca, é um olhar crítico da atualidade. Assim como num jogo, ele tenta conhecer as peças que compõem o cenário político, social e cultural de nossos tempos. O cão de guarda permanece imóvel. Mas o que ele guardaria?

"Em torno, a moldura dourada e decadente o coloca num patamar de perpetuação. É a tradição tentado se fixar no tempo de agora ou outro qualquer que seja. Não é falsa e nem mentirosa, mas inspira a hipocrisia de muitos por aí", explica.

O artista costuma nomear suas etapas de criação como colagens. Essas etapas vão desde a concepção da ideia até a combinação de cores que estabelece para criar a imagem na tela. "Dessa forma, vou construindo uma teia de re-

lações que me dão base para a elaboração dos trabalhos. Resalto que não são ilustrações do contemporâneo, mas interpretações da nossa sociedade sob um olhar crítico", ressalta.

Eduardo Fonseca é graduado em Belas Artes pela UFMG e fez mestrado em pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Participou de cinco exposições coletivas e uma individual no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, e participou de uma exibição coletiva no Encontro de Países de Língua Portuguesa, em Macau, China, em 2013. No retorno para o Brasil, no mesmo ano, foi convidado pela AM Galeria de Arte para integrar o time de artistas.

Para ele, a iniciativa da Templuz tem consistência pela inserção de trabalhos de artistas no espaço público. "O projeto da Templuz já vem me chamando a atenção faz algum tempo. Com trabalhos bem selecionados, o painel sempre se destaca na Avenida Nossa Senhora do Carmo. Não é uma propaganda de marca de roupas, nem apenas um letreiro de loja. Não há muita gente disposta a fazer isso por aí. A não ser os artistas, por iniciativa própria, quando utilizam-se da superfície da cidade para se manifestarem. Mas como não são apoiados, acabam sendo tomados como contraventores. Devia haver mais projetos nesse sentido pela cidade", completa.



VANESSA AMARAL



Vanessa Amaral não abre mão do seu estilo próprio de pintar. “Me permito ter liberdade de criação, sem amarras, sem me prender a tendências. Sempre passei para as minhas obras aquilo que mexe comigo, tal como formas e cores sempre vibrantes. Não penso antecipadamente no que criarei, apenas deixo fluir. Criei esse trabalho em um dos tantos momentos de entrega da minha arte”, afirma.

A obra “Extraordinária face das cores”, exposta na terceira edição do projeto Mural Templuz, retrata uma miscelânea de rostos e expressões em uma espécie de labirinto emocional.

A artista plástica teve seu primeiro contato com a arte através da fotografia. Morou na Itália, onde se dedicou a profissão de fotógrafa por alguns anos. Mas o vínculo com

as artes plásticas foi mais forte. Quando voltou ao Brasil, dentre tantas outras atividades, se entregou à pintura definitivamente. Hoje, como artista autodidata, tem tido uma trajetória de grande superação, pincelando em suas telas toda a delicadeza de sua alma de artista.

“Desde muito nova, minha maior paixão sempre foram, lápis, pincéis, papel, tintas etc. As coisas foram acontecendo de forma natural, sem cobranças, até que percebi a evolução dos meus traços, a maturidade das minhas pinturas, o profissionalismo que aconteceu ao longo do tempo de dedicação”, reflete.

Vanessa ressalta a importância de dar visibilidade a artistas anônimos como ela. “Esse é um grande passo que a Templuz está dando, beneficiando não somente os artistas, mas todos que têm acesso a obra exposta na fachada da loja”, afirma.



DANIEL MANSUR



A obra "O homem bola", do fotógrafo Daniel Mansur, aborda a paixão do homem pelo futebol. Ela abriu a quarta edição do projeto Mural Templuz em 2014, período de realização da Copa do Mundo no Brasil. Daniel explica que o processo de criação deste ensaio foi tentar mostrar a paixão do brasileiro pelo futebol, buscando nas formas do corpo humano uma analogia com a bola/futebol. "Para isso, convidei o coreógrafo Haroldo Alves para trabalharmos a quatro mãos no processo de criação das fotos em estúdio", afirma.

Daniel Mansur é formado em Publicidade pela PUC Minas e trabalha com fotografia publicitária e editorial desde 1986. Atualmente, é sócio majoritário do Stúdio Pixel, que atende as principais agências e empresas de Minas Gerais. Seu trabalho já foi publicado em diversos livros, revistas, CDROM, entre outros. Para ele, o projeto Mural Templuz mostra e compartilha nas ruas e em grande formato, os trabalhos que ficariam restritos a pequenas ampliações em ambientes fechados.



CYRÔ JOSE



Até os pequenos seres da natureza estão nos observando, explica o fotógrafo Cyro José. A obra "De olho em você!!!", exposta na quarta edição do projeto Mural Templuz, apresenta a fotografia de uma perereca Phyllomedusa macho em pose de observação. A imagem inusitada de uma perereca atenta é uma forma de demonstrar que nunca passamos despercebidos. A obra se diferencia pelo profundo realismo. As cores, o olhar e o comportamento da Phyllomedusa chamaram a atenção dos transeuntes da Avenida Nossa Senhora do Carmo.

O fotógrafo especialista em fotografia documental e científica explica que, em 2011, uma agência de publicidade pediu para que ele produzisse fotos de um pintinho, de uma galinha e de uma perereca Phyllomedusa. Só que, como estava no mês de agosto, devido à escassez das chuvas, era praticamente impossível encontrar uma Phyllomedusa na natureza. "Comecei então a consultar biólogos e consegui achar um médico que tinha autorização do Ibama para criar em cativeiro esta espécie de batrá-

quio (era um hobby para ele). Ele me emprestou um casal e tranquilamente fiz as fotos no estúdio. Comportaram-se como verdadeiras modelos", afirma. Cyro, natural de Formiga, Minas Gerais, é formado em Análise de Sistemas. Ele começou seus estudos de piano ainda pequeno e, já em Belo Horizonte, estudou canto e violoncelo no Palácio das Artes. Sempre esteve ligado às artes de alguma forma. Tanto no desenvolvimento de sua carreira como fotógrafo, quanto em outras áreas, como na música, por exemplo. "Embora me dedique muito à fotografia da natureza, sempre tento dar a alguns temas uma formatação artística", relata.

Para ele, as iniciativas do governo são tímidas e limitadas, e o empresariado mineiro dá pouco apoio aos projetos, "daí a importância de projetos como o Mural Templuz", ressalta.



VINÍCIUS MATOS



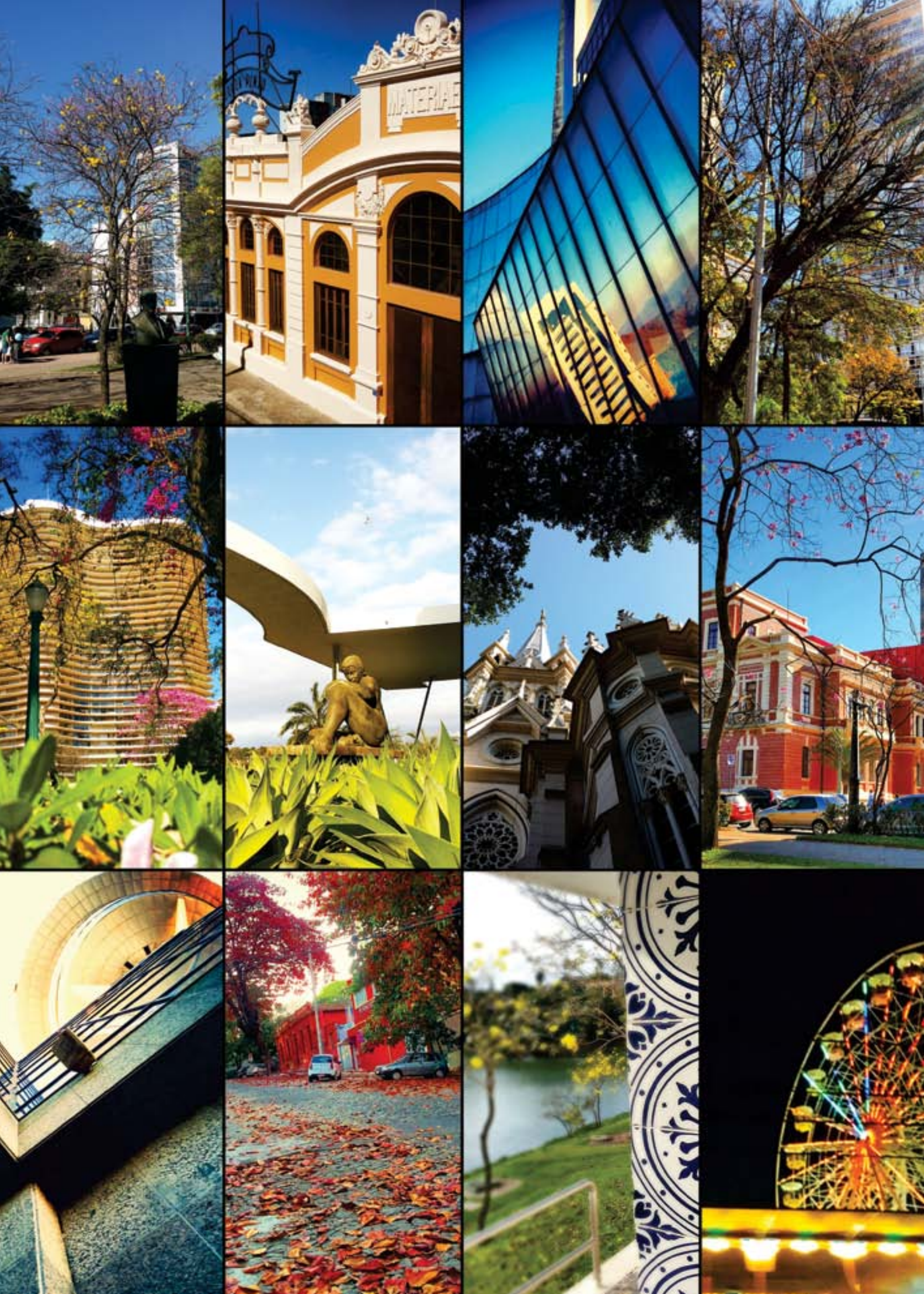
Caos, tridimensionalidade e noção espacial. A fotografia de rua é uma das paixões do fotógrafo Vinícius Matos. “Ela me permite levar uma câmera onde quer que eu ande”, afirma. A obra “Luxpunctum”, exposta na quarta edição do projeto Mural Templuz, é fruto de uma incursão de Vinícius no Instituto Tomie Ohtake (São Paulo) onde a artista Yayoki Kusama expunha seu trabalho.

“A minha inspiração foi a artista plástica japonesa Yayoki Kusama, que em uma de suas exposições trabalhou com instalações com centenas de pontos emissores de luz LED”, explica. A obra retrata, segundo o artista, a importância da luz para trazer tridimensionalidade e profundidade e para fazer com que a matéria passe a existir para o campo visual /sentido da visão. “Algo só existe para a visão se é visto. E para ser visto precisa refletir a luz”, comple-

ta. Para isso, Vinícius utilizou técnicas de fotometria nas altas luzes, mantendo apenas as fontes emissoras de luz e fazendo com que os outros objetos na sala sumissem.

Vinícius é autodidata. A fotografia cresceu em sua vida a partir de um hobby e há 12 anos se tornou profissão. “Hoje, além de profissão, é a forma como melhor me expresso. Sou fotógrafo de pessoas, mas através da obra ‘Luxpunctum’, mesmo sem pessoas consigo trazer a ideia de uma cidade vista de longe”, ressalta.

O fotógrafo iniciou na fotografia de casamento em 2006 e está na área desde então. Além de ser educador e palestrante internacional, é fundador da Escola de Imagem - maior escola de fotografia da América Latina, com filiais em Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Vinícius já foi eleito por uma revista italiana como um dos cinco principais fotógrafos de casamento do mundo e foi selecionado entre as 30 estrelas em ascensão da fotografia de casamento em uma revista americana.



RAFAEL MARTINS



Desde que adquiriu seu primeiro celular, Rafael Martins passou a registrar detalhes de seu cotidiano. Com aplicativos para edição dos aparelhos hoje bem sofisticados, Rafael direciona seu trabalho artístico para a captação e compartilhamento das cenas da cidade. A obra "Belo é o Horizonte", exposta na quarta edição do Projeto Mural, é uma reflexão desses momentos.

Rafael Martins é analista de Recursos Humanos e social media. Como ele mesmo explica, sua arte é sua distração. "Assim, todas as minhas fotos têm um mesmo propósito, ou seja, registrar e compartilhar com outras pessoas um determinado momento do meu cotidiano, mas com um olhar especial, de um ângulo ou uma forma que normalmente as outras pessoas no seu dia a dia não costumam perceber ou enxergar. O que me despertou para perceber que minhas fotos têm algo de diferente foram os vários elogios que recebi e recebo pelas redes sociais", relata.

A intuição é o seu guia. Rafael busca uma naturalidade em seus registros, mas sem abrir mão dos aplicativos de edição fotográfica para realçar cores, brilho, tonalidades e contraste. Mesmo não sendo profissional, a busca do analista é transformar o hobby em profissão. "Estou querendo investir no mercado de fotografia. Penso em aprimorar as técnicas, conhecer novos equipamentos, softwares de edição e aplicativos", afirma. É por isso que, para ele, a exposição no Projeto será o pontapé inicial para esse objetivo. "Pela importância do projeto, pelo número de pessoas que ele atinge, acredito que participar de uma ação desta natureza pode abrir muitas portas para um novo futuro profissional, completamente diferente do que faço hoje", relata.



PAULO LABORNE



Sair da galeria para a rua. Sair de dentro de si para fora. A fotografia é de dentro para fora, primeiro você sente e depois externaliza os sentimentos. A obra "De dentro para fora", do fotógrafo Paulo Laborne, exposta na quarta edição do projeto Mural Templuz, traz esse universo que sempre nos habitou: a simplicidade e a generosidade do olhar. "Nessa foto você vê o olhar desse senhor que nos oferece tudo: sua alma e a abóbora", explica.

A obra faz parte do projeto "Perto de mim", uma série de fotos que traz esse olhar desprovido de sentidos e que sintetiza a sabedoria e a simplicidade do povo do interior. A obra nasceu de seu universo de sentimentos e de sua infância em Abaeté, pequena e simples cidade no centro-oeste de Minas Gerais. "Algo da pureza e um imperativo. Algo do vazio do ser e necessário para crescer", explica. Para o fotógrafo, "todo artista tem de ir onde o povo está". Daí a importância da arte de rua e do projeto Mural, onde as pessoas presas em engarrafamentos podem olhar e ver arte que sensibiliza.

Paulo é fotógrafo e cineasta. Em 1978, dirigiu seu primeiro curta metragem "Lua em Aquário", premiado pelo Modern American Institute. Dirigiu também os filmes "O Ego filho da Égua", "Zacarias", "Vernissage", entre outros.

Na década de 1980, integrou a equipe técnica de filmes de longa-metragem de importantes cineastas brasileiros, como Walter Lima Júnior, Gustavo Dahl, Fernando Cony Campos, Fernando Meirelles e Alberto Graça. Foi diretor de fotografia de curtas metragens dos cineastas mineiros Helvécio Rattton, Ricardo Gomes Leite, Paulo Augusto Gomes, Jose Sete Barros e Aluizio Sales Júnior. Nos últimos 30 anos, realizou mais de 40 exposições individuais sobre diversos temas, além de participar de cerca de 60 exposições coletivas e de diversos festivais de cinema e vídeo por vários países.

"Eu tenho pelo menos 10 exposições individuais prontas que fiz para me sentir vivo. Mas não tenho mais a ansiedade da juventude e a necessidade de provar nada a ninguém. Nem a mim mesmo", revela.

EX PRES SIVIDA DE CRIA TIVA

Por volta de 1930, o fotógrafo húngaro Brassai, naturalizado francês, passou a fotografar sistematicamente os grafites em Paris. Ele foi um dos primeiros a enxergar essas manifestações como uma forma expressiva de arte. Brassai adotou Paris após a Primeira Guerra Mundial e se transformou em um de seus fotógrafos mais consagrados. Sua obsessão com o grafite era tal que, há quase três décadas, entre 1930 e final dos anos de 1950, dedicou-se sistematicamente a fotografa-los e arquivá-los, resgatando-os do esquecimento e afirmando-lhes um papel na formação e desenvolvimento da arte da época.

“É a arte dos humildes desprovidos de cultura e educação artística que se reinventava com seu próprio impulso. Uma arte que ignoramos e que se ignora. A linguagem das imagens é o mais primitivo, mas nos esquecemos de ouvir a linguagem silenciosa, sem a mediação da palavra”, relatou Brassai.

A pesquisadora das escritas das ruas Milene Migliano explica que, se formos pensar na prática de registro dessa expressividade criativa no espaço público, o primeiro a dar sentido a essas expressões foi Brassai. “Ele olhou pra parede da periferia de Paris e falou: ‘isso aqui tem produção de sentido. Tem expressão criativa’”, explica.

A década de 1960, com o surgimento dos movimentos de protesto contra o autoritarismo político e o capitalismo, tornou-se um período de intenso desenvolvimento da linguagem da Arte Urbana. Vários países europeus e latino-americanos tiveram movimentos estudantis fortes que utilizavam o espaço público como forma de expressão.

A doutoranda em Comunicação e Semiótica pela Puc-SP Maria Alice Ferreira, no artigo “Arte Urbana no Brasil: expressões da diversidade contemporânea” relata que, em Maio de 1968, os estudantes tomaram as ruas de Paris reivindicando a reformulação nos currículos e criticando o autoritarismo político. “Dentre as manifestações mais contundentes daquele momento estavam seus grafites, cartazes e panfletos. Nestes materiais espalhados por toda a cidade estavam estampadas palavras de protesto contra o governo, poemas, reflexões filosóficas e desenhos da realidade daquele momento e de ícones da cultura de esquerda”.

Esse movimento gerou uma revolução no comportamento, o que repercutiu nas formas da juventude se expressar, intensificando as possibilidades de escrita na cidade como forma de comunicação.

Em 1981, o escritor argentino Julio Cortáez publicou um livro sobre o grafite e a produção de imaginário contra o sistema opressor. Ele se opôs radicalmente à ditadura na Argentina e foi um dos primeiros a utilizar a expressão Grafite para a arte feita nas cidades. No Brasil, a história da Arte Urbana se inicia com as pichações contra a ditadura militar por volta de 1960. Maria Alice explica no artigo que se tratava de mensagens pintadas sobre muros e fachadas de prédios que proclamava frases contra a censura, a tortura e o imperialismo norte americano e incitavam a luta armada. “Com o enfraquecimento da ditadura militar nos anos 70, as manifestações artísticas e culturais vão se desligando das manifestações políticas e passam a ter uma natureza mais poética e lúdica. Assim acontece com as inscrições urbanas, que se tornam cada vez mais crescentes, tanto quanto a população dos centros urbanos vinha se expandindo”.

Milene explica que, no Brasil, as manifestações urbanas começam em sentido contestatário. Com o tempo, essa realidade vai se transformando e vários artistas da vanguarda brasileira começam a produzir imagens no muro e não apenas

textos contestatórios. O primeiro a ser chamado de grafiteiro, no mundo, foi Jean-Michel Basquiat, em Nova York, por volta de 1970.

De origem haitiana, Basquiat enraíza sua arte na experiência da exclusão social, no universo dos migrantes e no repertório cultural dos afro-americanos. Ao longo dos anos 1970, seus “textos pintados” tomam os muros do Soho e do East Village, em Nova York, redutos de intelectuais e artistas, e fazem dele um artista conhecido.

“É a época em que o mundo e as cidades estão condensados. Os jovens não têm mais espaço e eles vão ter que lidar com essa expressividade natural do ser humano de outro jeito. E aí tudo começa acontecer”, relata Milene.

A partir da segunda metade dos anos de 1970 surgem no Brasil nomes expressivos da Arte Urbana internacional, como Alex Vallauri, Carlos Matuk, John Howard, Waldemar Zaidler, Hudinilson Júnior, entre outros. Estes artistas faziam seus trabalhos a partir de grafites de estilo livre ou através de máscaras (moldes vazados a partir de uma máscara recortada).

Alex Vallauri nasceu em Asmara, na Etiópia, em 1949 e veio para o Brasil em 1965, estabelecendo-se em São Paulo. Em 1970 ele realiza sua primeira exposição in-

dividual no MAM/SP e a partir de 1978 passa a realizar grafites e a trabalhar com stencil em São Paulo.

Ele desenvolve uma linguagem gráfica que relaciona a pop art com xilogravuras de grandes dimensões que ganham o espaço público, como a obra “Boca com Alfinete” (1973), de teor político.

Maria Alice explica, no artigo, que, com o reconhecimento do trabalho desenvolvido, Alex Vallauri participa de três Bienais de Arte e de muitas exposições em galerias. Junto a Carlos Matuck e Waldemar Zaidler, os três foram os primeiros a serem reconhecidos como artistas da linguagem do grafite brasileiro.

Já nos anos 1980, o coletivo de Arte Urbana Tupi nãoDá, constituído por Jaime Prades, Milton Sogabe, José Carratu, Carlos Delfino e Rui Amaral, atua com intervenções de grande porte na cidade de São Paulo, que se tornam emblemáticas para história das artes urbanas no país.

“De um lado a Arte Urbana é reconhecida e legitimada pelas instituições sociais. Por outro, é reprimida, pois ainda carrega em si o ato transgressor. Assim se dá a história da arte urbana no Brasil e em outros países. Porém, temos aqui um cenário que, em relação a outros lugares, é tido como um tanto permissivo. Talvez por esta característica a expressão brasileira

desta linguagem urbana tenha se desenvolvido tanto e alcançado um grande destaque internacional”*.

Para Milene, no Brasil existe a demanda da expressividade com tinta e que, com o tempo, foram sendo criadas novas formas de pintar, de acordo com a região do país.

“Misturar pigmento na tinta, usar rolinho. O pessoal de Recife utiliza plástico e vai testando até sair a textura certa. Em São Paulo eles chamam de bico. No Brasil ainda tem esse jeitinho da borda e da brecha para produzir. Estamos falando da Arte Urbana no sentido da parede, por que ainda temos a performance, o situacionismo e os próprios bustos em praças públicas. Escultura também é expressão da criatividade humana. Os bustos, por exemplo, são anônimos, tem o nome do general, mas quem fez o busto?”, relata.

Após a década de 80, o Hip-Hop torna-se a grande influência da Arte Urbana no Brasil. Por dar vazão à criatividade das periferias das cidades, o movimento adquire uma linguagem própria de criação artística.

A arte urbana vai sofrendo transformações e se tornando a cada dia mais presente na vida das pessoas e das cidades. Ao se tornar um movimento abrangente e com grande repercussão, o mercado da arte vê aí um valor artístico. Maria Alice relata que as primeiras galerias que exibiam produções de linguagem da arte urbana foram criadas na década de 1980. A primeira delas foi a Fun Gallery, e impulsionou a car-

reira de artistas que começaram nas artes de ruas e viriam ter uma carreira promissora nas artes contemporâneas, como Jean Basquiat e Keith Haring.

“Este movimento de incorporação da linguagem da Arte Urbana dentro dos circuitos fechados da arte foi crescendo. As galerias, museus e outros espaços expositivos dedicam períodos para exposição de tais trabalhos. Portanto, desde a década de 80 até este início do século XXI, percebe-se um movimento de acolhimento destas linguagens pelos espaços institucionalizados da arte”, explica Maria Alice no artigo.

Em paralelo ao movimento de institucionalização da Arte Urbana, as práticas nas ruas das cidades continuaram a existir de diferentes maneiras e em polos mais diversos. As bases estilísticas dos grafites norte-americanos rapidamente se espalharam por outras partes do mundo, como a Europa e a América Latina, adquirindo assim expressão mundial.

Maria Alice explica que dentre as vertentes que constituem a Arte Urbana é possível destacar que a mais transgressora é a pichação. A segunda são os movimentos de intervenção artística feita nas ruas, com base e influências em movimentos da arte. E a última é a raiz do hip-hop e dos movimentos sociais. “Com este alicerce eclético, a Arte Urbana brasileira pode se desenvolver plenamente, dentro de suas contradições que não são um empecilho para sua manifestação, mas antes as bases para a melhor expressão da diversidade contemporânea”.

* Trabalho apresentado pela Maria Alice no GT de História da Mídia Audiovisual e Visual, integrante do VIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2010. Disponível no site: <http://www.ufrgs.br/>

ARTE FORA DO MUSEU

Em 2011, onze grafiteiros foram presos em São Paulo por não possuírem autorização para pintar nas proximidades do metrô. A partir desse acontecimento, como explica Binho Ribeiro, um dos grafiteiros presos, eles decidiram criar o primeiro museu de arte urbana do mundo. O Museu Aberto de Arte Urbana de São Paulo (MAAU-SP) é um conjunto de 66 painéis de grafite instalados nas pilastras que sustentam o trecho elevado da Linha 1-Azul do Metrô de São Paulo, localizados no canteiro central da Avenida Cruzeiro do Sul entre as estações Santana e Portuguesa-Tietê, no distrito de Santana, Zona Norte de São Paulo. Essa região é considerada como berço do grafite paulistano.

“Resolvemos pintar por nossa conta e aí o bicho pegou. Na delegacia, amadurecemos a ideia, rascunhamos um projeto e apresentamos à Secretaria de Estado da Cultura, ao presidente do Metrô e à diretora da SP-Urbanismo”, explica Binho Ribeiro. Após a aprovação do projeto, foi criada uma parceria entre o Metrô, a Secretaria de Estado da Cultura, o Paço das Artes e a Galeria Choque Cultural. A Secretaria do Estado da Cultura e o Metrô contribuíram com tinta e spray e revitalizaram as estruturas, os futuros painéis de 4 metros de altura. O projeto já contou com a presença de 58 artistas, como: Binho, Chivitz, Akeni, Minhau, Larkone, Onesto, Zezão, Higráff, Presto e Anjo, a maioria residente na região norte.

Em fevereiro de 2014, as pilastras de sustentação da Linha 1 – Azul do Metrô na estação Carandiru, na zona norte, entraram para o conjunto de obras. Vinte e cinco artistas foram convidados a expor.

Em outubro de 2012, artistas e moradores se revoltaram quando foram instaladas grades na área onde as obras foram pintadas. Após a divulgação de um abaixo-assinado, o resultado foi a retirada das grades. O processo culminou na criação de um passeio, uma ciclovia, cuidados com o gramado e a iluminação. O bairro ganhou visibilidade internacional e grande destaque na mídia. Hoje o MAAU co-

meça em Santana e segue até a estação Carandiru e Tietê, com aproximadamente dois quilômetros de arte urbana.

Para Binho Ribeiro, o MAAU-SP é um exemplo de como artistas e poder público podem somar esforços e obter resultados que beneficiam a população e motivam a arte, servindo de exemplo para jovens no Brasil e no mundo. Para ele, tirar a arte dos espaços fechados das galerias e dos museus significa a conquista de novos horizontes e o reconhecimento da arte urbana por acadêmicos e instituições, fazendo com que os artistas se tornem renomados e sejam equiparados a qualquer outro tipo de arte contemporânea.

A temática das obras é variada: natureza, vida urbana, periferia além disso, visa a recuperação do centro de Santana, hoje degradado, e o desenvolvimento de ações educativas em escolas da região, com o intuito de aproximar o público da arte urbana. As obras expostas nas colunas do museu são trocadas anualmente. Binho explica que o projeto tem uma característica mais urbanista e social, buscando a integração entre artistas renomados e novatos, que prometem compor a próxima geração de talentos.

Para Binho, os murais são importantes na expres-

sividade da arte urbana por elevar o nível técnico e a ocupação de áreas de grande importância que compõem a cidade. “Buscar um entendimento entre a valorização do espaço urbano e com isso pode ter mais projetos de grande impacto social”, afirma.

Arquitetura, grafite, esculturas e outras possibilidades de escrita na cidade. Para o idealizador do projeto “Arte fora do museu”, Felipe Lavignatti, a arte, em qualquer lugar, é algo que influencia nossa vida e nosso jeito de ser. Para ele, quando você coloca uma obra de arte num espaço público, o poder de transformação é ainda maior. Para potencializar o poder dessa comunicação urbana na vida das pessoas, Felipe Lavignatti e Andre Deak criaram, em 2010, o projeto “Arte fora do museu” que propõe mapear, de forma colaborativa, as obras de arte que estão no espaço público de São Paulo. No mesmo ano, o projeto foi selecionado pela Bolsa Funarte de Reflexão Crítica e Produção Cultural para Internet.

Felipe explica que a ideia era provar que não é preciso ir ao museu para vivenciar essa experiência que também está nas ruas. “As ruas de São Paulo estão cheias de exemplos de grafite, mural, escultura e arquitetura. A gente considerou também a arquitetura



Imagens do Museu Aberto de Arte Urbana de São Paulo. Fotos de Binho Ribeiro

para ampliar o espaço museológico da cidade. As arquiteturas são grandes peças de arte espalhadas pelo espaço urbano. Fizemos esse levantamento e catalogamos 100 obras nessas categorias”, relata. Pra ampliar ainda mais essa experiência de museu, eles inseriram as sinopses das obras e gravaram entrevistas com artistas e especialistas, criando uma espécie de áudio guia. “Se você usar o celular para navegar, basta parar em frente à obra e ouvir as entrevistas”, completa.

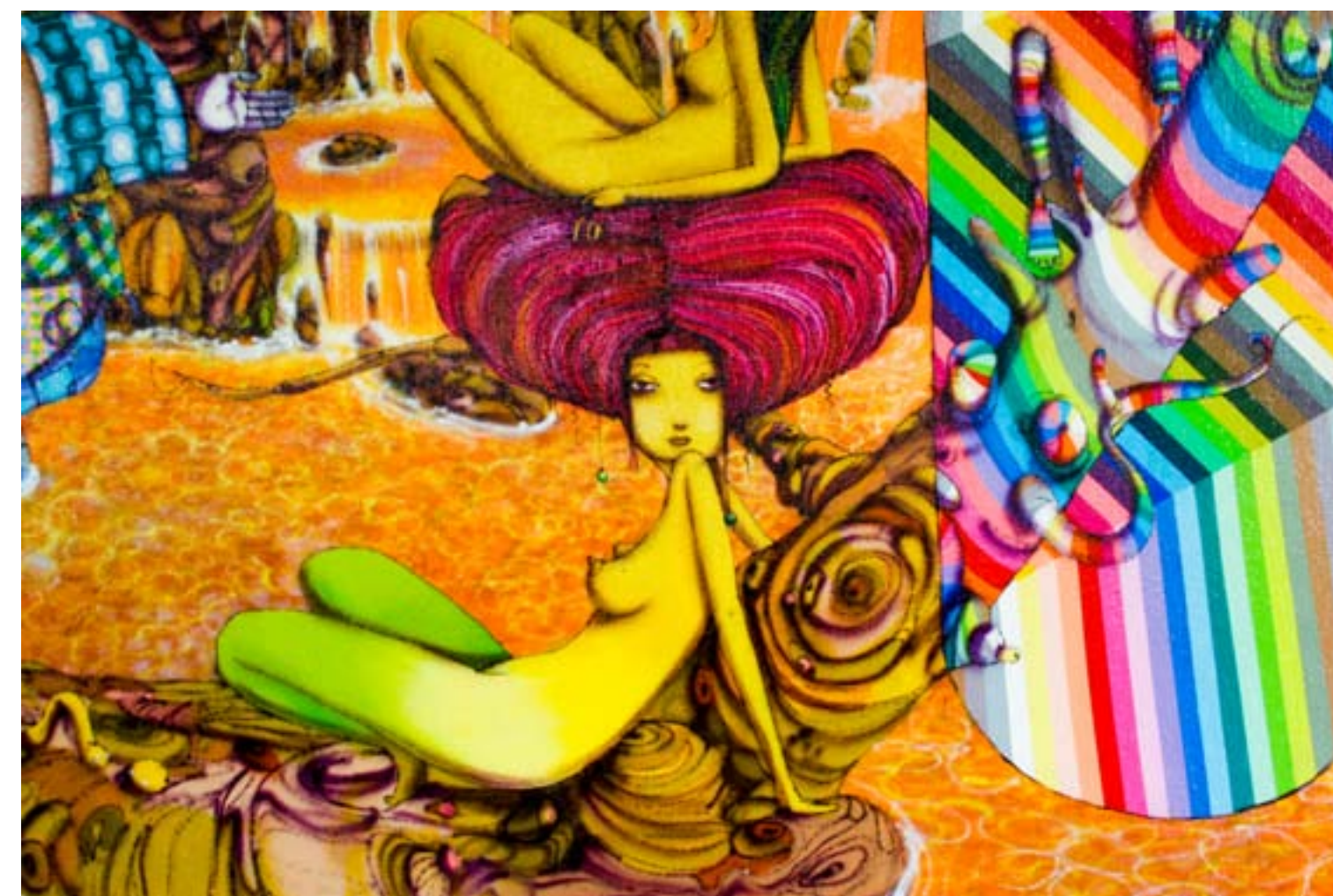
Além do site, essa iniciativa de valorização da arte pública transformou-se numa narrativa transmidiática: virou aplicativo para celular, exposição itinerante, oficinas de produção multimídia e de mapeamentos, vídeos distribuídos na web e em canais de tv online, além de projetos para guias impressos, séries de TV e documentários.

Felipe explica que, em São Paulo, graças à lei cidade limpa, não existe mais outdoor. A lei não permite inserir propaganda, mas permite a instalação de obras de arte gigantes que podem citar o apoio de alguma empresa ou instituição, por exemplo. “Com a Lei ou sem a Lei, um uso inteligente desses espaços publicitários é aliar a arte com o que se quer vender. As empresas querem vender, não adianta, mas se você amenizar isso e der um pouco de sentido e conteúdo artístico, é bem mais legal”, considera.

O grafite e a Arte Urbana têm uma importância especial na relação do afeto das pessoas pelo seu espaço, afirma Felipe. “Quando você apaga um grande grafite, para a pessoa que está passando de ônibus todo dia, fica um grande vazio na cidade. Tem exemplos de grafites feitos em conjuntos habitacionais que modificaram a percepção das pessoas pelo local. Foi uma valorização sentimental do espaço através de uma coisa simples, que é fazer um grafite no mural. Tem políticas de apagar grafite que eu não entendo. A função dele na cidade, principalmente numa cidade como São Paulo, cheia de concreto, é dar um respiro, trazer cor”, avalia.



Estação de Metrô Barra Funda - Mezanino. Foto de Felipe Lavignatti



Grafite dos Gêmeos na entrada do MAM - Foto de André Deak

EXPRESSIVIDADE CRIATIVA

UMA CIDADE DIALÓGICA

Para a pesquisadora das escritas das ruas Milene Migliano, Belo Horizonte, em sua concepção inicial, foi criada para ser construída coletivamente. O plano da cidade tem vários pontos de encontro, como praças e a própria Avenida do contorno. É uma história de produção simbólica, de movimentos poéticos e contestatórios. “A gente vai ver que a cidade produz sentido nessas brechas que ela encontra”, afirma. Durante a reforma da praça da estação, por exemplo, os tapumes viraram espaço de diálogo público: “as paredes da cidade vão conformando diálogos públicos. A pessoa escreve uma coisa, outra responde em cima de uma publicidade ou de um informe oficial da cidade”.

Milene explica que podemos considerar estes três lugares de fala no espaço público: o espaço comercial e publicitário, o espaço do poder público e o espaço que se apropria taticamente dos dois primeiros espaços para produzir diálogos. Para ela, Belo Horizonte sempre teve essa demanda e esse desejo de publicizar essas contestações e dar vazão à produção criativa e artística.

Justamente pelo fato de Belo Horizonte ser essa cidade privilegiada na relação de potências criativas e novos imaginários que a pesquisadora criou, em 2003, um mapa com os grafites da capital.

Em sua dissertação de mestrado, Milene, hoje doutoranda em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal da Bahia, estudou as práticas de escrita na cidade e como elas criam redes de comunicação. Milene pesquisa escrita urbana desde 2004 e, na época, era pesquisadora do projeto Cartografias Urbanas da UFMG e desde então desenvolve a prática de leitura e registro da escrita da cidade onde estiver. Para ela, um mapa pode se constituir como um dispositivo de memória. “Entendo que quem está tensionando esses espaços também está produzindo sentido e trazendo novas formas de resistências na cidade”, afirma.



Estação de Metrô Sumaré - Plataforma. Foto de André Deak



Fotos de vários artistas no Beco do Aprendiz na Vila Madalena em SP. Foto de André Deak

O Mapa dos Grafites foi uma forma de compreender esse percurso de andar pela cidade e entender a escrita relacional de participação urbana. O projeto consiste numa plataforma de compartilhamento de registros fotográficos, sonoros e videográficos, das práticas de escrita urbana conhecidas internacionalmente como grafite, ou seja, inscrições, desenhos, colagens de lambe-lambe e stickers, aplicação de máscaras stencil, feitas com spray, canetões, giz de cera, lápis, compressores, rolinhos, pincéis, carimbos, enfim, o que se tiver à mão para marcar uma expressão comunicativa em determinada situação urbana.

O Mapa está disponível no endereço www.mapados-graffitis.org e os registros estão separados em três ícones principais, que se referem às entrevistas com os grafiteiros, aos registros imagéticos feitos dos grafites pela cidade e aos diálogos públicos, categoria de análise que define muros onde se encontram situações comunicativas sendo compostas pelas inscrições há algum tempo. Nas entrevistas com os grafiteiros também encontramos os links de suas páginas pessoais e o grafite escolhido para representá-lo.

O mapa é dividido entre os diálogos públicos, situações comunicativas que Milene acompanhou durante algum tempo na cidade, desenroladas em espaços e contextos específicos. As entrevistas revelam as diversas formas de pensar o grafite, sempre com a consciência de que é um espaço de comunicação urbana. As fotos foram realizadas a partir de 2005 e, assim como as outras formas de registro, podem ser ampliadas pela colaboração de quem quiser. A primeira etapa do projeto foi realizada com a participação de quarenta e dois artistas e grafiteiros em Belo Horizonte.

Milene explica que o projeto surgiu a partir de um desejo de registrar, visualizar e disponibilizar as imagens dos grafites já apagados pela cidade para que pudessem ser experimentados em relação com os novos grafites escritos, que têm como marca de expressão a efemeridade. A pesquisadora acompanha a transformação de alguns diálogos na cidade por 11 anos. "O plano é que a plataforma seja um espaço de compartilhamento da memória do grafite de Belo Horizonte", completa.

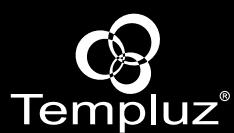
CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as práticas de escrita da cidade são legítimas e compõem a cultura urbana, onde estiverem materializadas. Assim como no projeto Mural Templuz, a arte pode despertar o imaginário, trazer o desconhecido e provocar novos deslocamentos. De onde surgiu essa obra gigante em um paredão na Avenida Nossa Senhora do Carmo? São muitos imaginários e discussões possíveis a partir de novos elementos que compõem o espaço urbano. O tensionamento está presente também na busca pelo entretenimento que não seja rasteiro nem programático, mas que componha possibilidades de comunicação na cidade. Nesse breve catálogo, abordamos a forma de escrita, a criatividade e a emoção de diferentes artistas que participaram do projeto Mural Templuz. Contamos um pouco desse projeto ousado que, apesar das limitações ainda presentes, busca trazer novas paisagens para uma das avenidas mais movimentadas da cidade. Para compreender um pouquinho desse universo de expressão pública que sempre fez parte da humanidade e que, a cada dia, ganha novos contornos e possibilidades, trouxemos pontos de vistas de artistas, pesquisadores e fazedores da arte. Que a cidade seja ainda mais palco de expressão e comunicação de todos nós que fazemos parte dessa coletividade mediada pelos espaços. Até a próxima edição do Projeto Mural!



Patrocínio

Incentivo



Ministério da
Cultura

